

Fernanda Gomes Pacheco Isaias
Célia Sebastiana Silva

DESENHOS VERBAIS DE MANOEL DE BARROS

poesia na sala de aula

**Copyright © 2023 Fernanda Gomes Pacheco Isaias
Célia Sebastiana Silva**

Editora Alta Performance

Rua 132-A, nº 100, Qd F-45 Lote 2
Setor Sul - CEP 74093-22 - Goiânia/Goiás
CNPJ: 21.538.101/0001-90
Site: <http://editoriaaltaperformance.com.br>

Contatos:

Larissa Pereira - (62) 98230-1212

Editoração e Capa: Larissa Luz dos Santos

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte
Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1º Região)3294

I74

Isaias, Fernanda Gomes Pacheco.
Desenhos verbais de Manoel de Barros: poesia na sala de aula. /
Fernanda Gomes Pacheco Isaias, Célia Sebastiana Silva. – Goiânia:
Alta Performance, 2023.

92p. : il.
ISBN: 978-65-5447-132-9

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I.Título.

CDU: 821.134.3(81)-1

Índice para catálogo sistemático: CDU: 821.134.3(81)-1

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autoriais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido.

Printed in Brazil – 2023

Fernanda Gomes Pacheco Isaias
Célia Sebastiana Silva

DESENHOS
VERBAIS DE
MANOEL
DE BARROS

poesia na sala de aula



Larissa Rodrigues Ribeiro Pereira
Diretora Comercial

Winstom Erick Cardoso Pereira
Diretor Administrativo

CONSELHO EDITORIAL

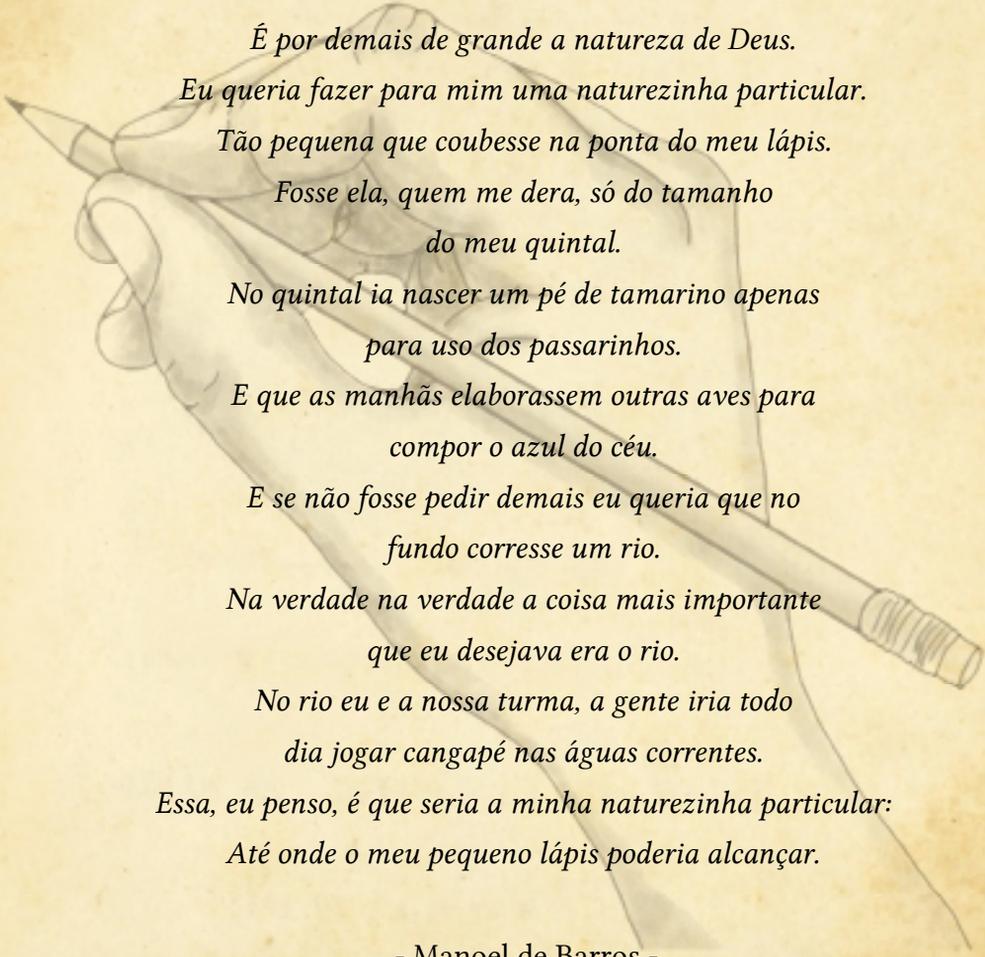
ACADÊMICO

Prof. Me. Adriano Cielo Dotto (Una Catalão)
Prof. Dr. Aguinaldo Pereira (IFRO)
Profa. Dra. Christiane de Holanda Camilo (UNITINS/UFG)
Prof. Dr. Dagoberto Rosa de Jesus (IFMT)
Profa. Me. Daiana da Silva da Paixão (FAZAG)
Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita (Cepae/UFG)
Profa. Me. Limerce Ferreira Lopes (IFG)
Profa. Dra. Márcia Gorett Ribeiro Grossi (CEFET-MG)
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Profa. Dra. Maria Adélia da Costa (CEFET-MG)
Profa. Me. Patrícia Fortes Lopes Donzele Cielo (Una Catalão)
Profa. Dra. Rosane Castilho (UEG)
Prof. Dr. Ulysses Rocha Filho (UFCAT)

CONSULTIVO

Nelsol José de Castro Peixoto
Núbia Vieira
Welima Fabiana Vieira Borges

O LÁPIS



*É por demais de grande a natureza de Deus.
Eu queria fazer para mim uma naturezinha particular.
Tão pequena que coubesse na ponta do meu lápis.
Fosse ela, quem me dera, só do tamanho
do meu quintal.
No quintal ia nascer um pé de tamarino apenas
para uso dos passarinhos.
E que as manhãs elaborassem outras aves para
compor o azul do céu.
E se não fosse pedir demais eu queria que no
fundo corresse um rio.
Na verdade na verdade a coisa mais importante
que eu desejava era o rio.
No rio eu e a nossa turma, a gente iria todo
dia jogar cangapé nas águas correntes.
Essa, eu penso, é que seria a minha naturezinha particular:
Até onde o meu pequeno lápis poderia alcançar.*

- Manoel de Barros -

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
I POEMAS LIDOS SEM PECADO NA ESCOLA: desvendando as entrelinhas do texto poético	13
II POEMAS EM LÍNGUA DE BRINCAR o lúdico no usufruto da poesia	17
III RETRATO DO LEITOR DE POESIA QUANDO JOVEM a pesquisa em ação na sala de aula	24
3.1 O desenrolar do projeto	30
3.2 Análise de dados	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS.....	84

APRESENTAÇÃO

*A poesia está guardada nas
palavras — é tudo que eu sei.*

Manoel de Barros

Muito se discute acerca da importância da leitura – sobretudo em relação ao hábito de ler na construção do indivíduo. Investigar a leitura literária na escola é, sem dúvida, um tema de extrema relevância em uma sociedade bastante carente dos elementos básicos da formação escolar como a decodificação de textos, a produção de sentidos de frases ou pequenas construções e até mesmo o desvendamento do significado daquilo que está latente na escrita e, ainda, considerando o potencial humanizador que a literatura pode promover, é necessário aprender, e muito, sobre direitos humanos, respeito e igualdade de direitos. De nada adianta, porém, discorrer sobre a importância da leitura literária sem, antes disso, considerar o seu foco principal: o leitor e, de modo específico, o aluno leitor, uma vez que o que aqui se propõe é discutir a leitura literária na sala de aula. O leitor é, conforme Andruetto (2017, p. 85-86), “um detetive que fareja entre as frases, nos interstícios entre uma palavra e outra, retirando camadas e camadas, em busca de um certo grau de revelação, para que apareça

o que está ali, mas escondido”. Ou seja, é um grande pesquisador, um grande curioso nas suas investidas de leitura e assim deve ser formado. Não atua sozinho, porém, daí a importância da escola, pois é nela que ele poderá ser mediado, via de regra pelo professor, para essa tarefa de “detetive” do texto literário, conforme propõe Andruetto.

Zilberman (1985) afirma que a escola exerce um papel essencial no processo de aquisição da escrita e da leitura. Além disso, destaca a escola como um cofator pelo abandono do sujeito como leitor, pois, muitas vezes, a escola não transforma o sujeito habilitado a ler, como citado abaixo

(...) a escola pode ou não ficar no meio do caminho, o que quer dizer: dar oportunidade para que sua tarefa se cumpra de modo global, transformando então o indivíduo habilitado à leitura em um leitor, ou não, o que pode reverter no seu contrário. Neste caso, a criança afasta-se de qualquer leitura, mas sobretudo dos livros, seja por ter sido alfabetizada de maneira insatisfatória, seja por rever na literatura experiências didáticas que deseja esquecer. (ZILBERMAN, 1985, p. 17)

Neste sentido, quando o possível leitor se afasta da leitura, via universo escolar, que geralmente mais cobra do que incentiva a leitura, raramente, ele buscará textos literários, pois deixou de ter na leitura uma prática educativa (BLOOM, 2001).



Faz-se necessário, então, indagar por qual razão a instituição escolar pode promover, não raras vezes, o afastamento do leitor da literatura e, conseqüentemente, levá-lo a ler ou a não ler. Diante disso, grande parte dos alunos não é motivada pelos professores que, às vezes, cobram a leitura e não oferecem um suporte de mediação de leitura do texto literário, que não seja aquele extraído de um livro didático, que pode ser pela falta de conhecimento dos professores, ou ainda pior, pela falta de uma formação que os auxiliem a desenvolver práticas de leitura capazes de motivar seus alunos, afastando-os assim dos textos literários.

Um professor que não lê, que não se mostra apaixonado e envolvido pela literatura, dificilmente conseguirá fazer com que os alunos leiam, por isso, é necessário que, antes do desejo de formar leitores, o professor também se forme leitor, e, assim, promova e estimule práticas de leitura que aproximem os alunos do universo literário, ajudando-os a entender que “a ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca”, consoante Zilberman (1985, p. 17), e assim “nos transformar a cada um de nós a partir de dentro” (TODOROV, 2009, p. 76).

Pode-se constatar que raramente o texto poético é tratado como ferramenta importante e necessária para a formação do leitor na escola e, historicamente, tem sido deixado de lado nas práticas pedagógicas da maioria dos professores. Objetivando um pouco o resgate do leitor literário e a necessidade de retomar também esse gênero literário (o lírico) que tem sido deixado de lado na forma-

ção de leitores é que este projeto foi planejado e executado na vivência de sala de aula.

Nesse sentido é que se propõe um trabalho com a leitura de poesia cujo suporte pedagógico escolhido para essa almejada formação do leitor de poesia foi o “encantador de palavras” Manoel de Barros (1916-2014), poeta brasileiro mato-grossense que extrai os versos da realidade imediata que o cerca, sobretudo da natureza, poetizando fatos de sua infância e construindo um universo próximo da compreensão da criança e do jovem.

A escolha desse poeta e de seus textos se dá pela aproximação de sua escrita poética com o jovem e a criança, o que pode facilitar o desafio da formação do leitor e da importante tarefa que a poesia representa nesse processo. E também ela se deu pela memória afetiva à qual seus textos nos conduz, pois acredita-se que, justamente por ser poesia, o melhor lugar para esse encontro deve ser o espaço que remete a momentos significativos para os leitores, independentemente de serem momentos bons ou ruins, alegres ou tristes, o que importa é estar em contato com o eu, pois, é somente nesse encontro de si mesmo que o indivíduo se forma.

(...) a lírica se mostra mais profundamente assegurada, em termos sociais, ali onde não fala conforme o gosto da sociedade, ali onde não comunica nada, mas sim onde o sujeito, alcançando a expressão feliz, chega a uma sintonia com a própria linguagem, seguindo o caminho que ela mesma gostaria de seguir. (ADORNO, 1983, p. 74)



O presente trabalho objetiva, portanto, fazer uma análise reflexiva e prática de como se pode contribuir para a formação de leitores do texto poético com alunos do 8º ano, da segunda fase do Ensino Fundamental (EF), de uma escola da cidade de Inhumas-GO, e se trata de uma pesquisa-ação com intervenção em sala de aula.

Nesse contexto, essa pesquisa busca compreender como a leitura do texto poético pode contribuir para a formação de leitores e potencializar a sensibilidade, criatividade e senso crítico na sala de aula. Pretende-se também investigar por que as crianças têm deixado de ler poesia e como a escola pode promover esse reencontro entre o texto poético e o leitor; analisar poemas das obras de Manoel de Barros, selecionados, e verificar como a exploração dos aspectos lúdicos e imagéticos da poesia de Manoel de Barros podem promover o gosto pela leitura; identificar possibilidades metodológicas de leitura de poemas que estimulem a relação leitor-poesia, seja por meio da vocalização, da exploração do ritmo e entonação, da contextualização dos poemas ou da relação dos poemas com a subjetividade dos alunos; relatar a experiência desenvolvida em sala de aula e analisar os resultados obtidos durante a pesquisa.

Essa abordagem sobre a contribuição da poesia de Manoel de Barros na formação do leitor se dará, na segunda fase do Ensino Fundamental e investigará por que as crianças têm deixado de ler poesia e, principalmente, como a escola pode promover esse reencontro entre o texto poético e o leitor. Elegeu-se a escola Monsenhor Angelino, na cidade de Inhumas-Goiás com a turma do oitavo ano para a aplicação e a investigação da pesquisa, por um período de três meses de atividades em sala de aula, sendo de setembro a novembro de 2020.

A metodologia para o desenvolvimento do projeto foi por meio das seguintes ações: escolha e leitura de textos poéticos de Manoel de Barros para leitura e análise dos textos lidos; compartilhamento, por parte dos alunos, de suas leituras, por meio do diálogo em sala de aula, apontando também com qual/quais texto(s) mais se identificaram; anotações, desenhos e filmagens feitos sobre os textos que os alunos mais gostaram; e exposição virtual dos desenhos feitos sobre os poemas, preservando-se o anonimato do autor (caso o participante quisesse).

O estudo aqui desenvolvido está organizado em três capítulos, subdivididos em seções. No primeiro capítulo, discute-se sobre a importância da leitura na formação do ser social e o papel que a escola tem nesse processo, levando em conta como a poesia pode auxiliar o professor nessa busca pela formação do leitor literário. Neste capítulo, o professor é apresentado como o mediador, com papel fundamental para que os alunos se sintam motivados a buscar a leitura de textos poéticos e a relevância da poesia na formação do sujeito, e como ela tem sido abordada na escola. No segundo capítulo, o poeta Manoel de Barros e sua poética são apresentados e discorre-se sobre como seus textos podem servir de auxílio para que o professor possa abordar e conquistar os seus alunos para a leitura de poesia. Finalmente, no terceiro capítulo, a pesquisa-ação desenvolvida em sala de aula e as atividades realizadas pelos alunos são descritas assim como os dados são analisados servindo de possibilidades para que a avaliação qualitativa da pesquisa fosse feita.

I POEMAS LIDOS SEM PECADO NA ESCOLA: *desvendando as entrelinhas do texto poético*

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Manoel de Barros

A escola é lugar de transgressão, de formar opinião e de respeitá-la e não o contrário como, às vezes, pode ocorrer. Deve, portanto, ser um espaço de liberdade, de experimentação, de deleite, de apropriação e não de imposição. Além disso, exerce um papel importante no processo de potencialização da aproximação entre leitor e texto literário. Cabe, portanto, à escola colocar o texto em contato direto com o aprendiz e será ele o responsável pela sua construção como leitor autônomo e crítico capaz de caminhar sozinho, quando ela não mais o estiver conduzindo. A escola precisa ser um espaço de leitores, que procurem nos textos as respostas que buscam, como aborda Lerner (2002, p. 17):

O necessário é fazer da escola uma comunidade de leitores que recorrem aos textos buscando resposta para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo que é objeto de

suas preocupações, buscando argumentos para defender uma posição com a qual estão comprometidos, ou para combater outra que consideram perigosa ou injusta, desejando conhecer outros modos de vida [...].

Segundo Zilberman (2009), em diversas situações, como, por exemplo, a desigualdade econômica, a escola é vista como o único meio em que o aprendiz, durante o processo de formação, tem acesso à leitura literária. Todavia, esse espaço social não pode perder aquela função que o constituiu, ou seja, não deve servir agora como um desligamento do sujeito com a leitura, mas sim “dar acesso à ação de ler, para efetivar a revolução duradoura no bojo da qual se popularizou” (ZILBERMAN, 2009, p. 36).

De todo modo, dentro da escola, a resistência entre textos de caráter mais volátil e os literários pode ter no gênero lírico um grande aliado, uma vez que, a poesia, por ter seu próprio caráter subversivo, insubordinado, instiga as emoções e a imaginação daqueles que a leem, incentiva a apreensão da leitura de forma reflexiva, crítica e sensível. Sendo assim, o professor é a chave para levar o aluno ao mundo literário por meio do ensinamento, por meio da forma de sentir a poesia, da emoção presente na fala e na expressão, despertando o interesse e o gosto pela literatura de uma forma geral. Segundo Pinheiro (2002, p. 10) descreve:

Um professor que não é capaz de se emocionar com uma imagem, com uma descrição, com o rit-



mo de um determinado poema, dificilmente revelará na prática, que a poesia vale à pena, que a experiência simbólica condensada naquelas palavras é essencial em sua vida. Creio que sem um mínimo de entusiasmo, dificilmente poderemos sensibilizar nossos alunos para a riqueza semântica da poesia.

De acordo com Tres e Iguma (2015), a poesia tem a capacidade de sensibilizar o ser humano e, levando esse fato em consideração, mostram a importância de se trabalhar esse gênero na escola. Sendo a escola um ambiente que deve proporcionar o conhecimento, ajudando a desenvolver habilidades e conhecimentos afetivos e intelectuais, bem como construir a autonomia como leitor ao jovem aprendiz.

A poesia trabalhada em um ambiente que proporcione trocas de conhecimentos entre outros alunos ou entre os professores, abre caminho para um cenário encantador e motivador, possibilitando a relação entre o pensar e o sentir, a poesia estimula e prepara o aluno para o futuro, para as responsabilidades como leitor (TRES; IGUMA, 2015). Segundo caracteriza Filipouski e Marchi (2009, p. 23):

Formar leitores implica destinar tempo e criar ambientes favoráveis à leitura literária, em atividades que tenham finalidade social, que se consolidem através de leitura silenciosa individual, promovendo o contato com textos variados nos

quais os alunos possam encontrar respostas para as suas inquietações, interesses e expectativas. Ler não se restringe à prática exaustiva de análise, quer de excertos, quer de obras completas, pois o prazer, a afirmação da identidade e o alargamento das experiências passam pela subjetividade do leitor e resultam de projeções múltiplas em diferentes universos textuais.

O ato de ler não deve, portanto, acontecer sem que haja, para o leitor, um sentido, não pode ser um exercício como outro qualquer. A leitura deve produzir no leitor um sentido mais amplo, mais real, mais próximo da sua realidade, permitindo que, assim, a partir do contato com outros mundos despertados pela literatura, ele se sinta capaz de construir suas ideias e cabe à escola ressignificar a leitura de textos literários de forma menos massacrante possível para o aluno.

A poesia na sala de aula abre um espaço de magia, de sentimentos, de conhecimento, de lembranças, e o mediador desse processo é o professor que deve investir na construção de repertórios de leitura, incentivar essa leitura em casa juntamente com os pais, pois é uma forma de trabalhar com os sentimentos, sensibilidades e criatividade. E mesmo que haja dificuldades ou efeitos negativos em inserir a leitura de poesia no contexto escolar, é essencial que esse mediador tenha sensibilidade e, após isso, ter a capacidade de sensibilizar outrem, porque a poesia vem para somar no conhecimento do ser humano e dar significados (TRES; IGUMA, 2015).

II POEMAS EM LÍNGUA DE BRINCAR

o lúdico no usufruto da poesia

*Palavra poética tem que chegar ao
grau de brinquedo para ser séria*
Manoel de Barros

O poeta Manoel de Barros apresenta como marca da sua poética a relação entre a poesia e a criança pelo aspecto lúdico da linguagem. Sabe-se que a poesia está presente na vida da criança, mesmo antes da idade escolar, porque ela consegue enxergar o mundo de forma inaugural, característica própria do universo poético e também pelas cantigas de ninar que ouve, às vezes, ainda no ventre materno.

Ao longo da história, a partir do século XX, a poesia vai “perdendo leitores para a narrativa em prosa”, segundo Bordini (2009, p. 139). Logo, a pedagogia passa a usar a poesia como um suporte didático, muitas vezes, se esquecendo de que antes mesmo de a criança ter contato com a escola, era já um sujeito poético. Para a criança, as palavras poéticas e seus absurdos não lhes parecem incomodar, visto que estão próximos do seu universo particular. Entretanto, à medida que a criança vai crescendo, a poesia também vai deixando de lhe

ocupar o tempo, pois, quanto mais distante do olhar inaugural para o mundo, mais distante da poesia.

Mormente a poesia contribui para a promoção da leitura literária justamente pelo caráter lúdico, pelos múltiplos significados que pode encontrar, pelo ritmo que aproxima da canção e também pelo despertar de curiosidades ultrapassando os sentidos lógicos, como afirma Nunes (2016, p. 154):

A poesia é capaz de sensibilizar o ser humano, e nesse sentido evidencia-se a importância de trabalhar o gênero em fase escolar, para tanto, deve ser levado em conta a recepção quanto às contribuições da poesia para a promoção da literatura literária.

O autor Manoel de Barros é uma inspiração para o jovem leitor, uma vez que traz o lúdico para os seus poemas, seja por meio de imagens, de frases ilógicas, do “criançamento” das palavras, do jogo de palavras, das ironias, dos neologismos. Faz-se uma relação entre o lúdico e a criatividade no ato da leitura, pois desperta as lembranças e o leitor busca interpretar os variados sentimentos que podem vir à tona. É esse jogo de palavras de Manoel Barros em seus textos que aproxima o leitor da leitura, o brincar com os verbos, as formas livres de pensar e usar a língua (RODRIGUES, 2016).

Aprendi com as crianças, por primeiro, que a mistura dos sentidos dá poesia. Ouvi meu filho certo dia: ‘Pai, eu escutei a cor de um passarinho’. Outra vez, por ler o *Correio Braziliense* [sic.], encontrei lá esta joia falada por uma menina de 7 anos: ‘Borboleta é uma cor que voa’. Veio Rimbaud e consagrou: ‘Je finis par trouver sacré le désordre de mon esprit’. Pois a desordem das palavras em poesia não é sagração? (BARROS, 2005, p. 14)

Desse modo, a forma com que Manoel de Barros escreve permite ao leitor acessar, redescobrir e descobrir novos ensinamentos e, além disso, despertar lembranças marcadas em algum momento da vida de si mesmo. Assim, é difícil, após uma única leitura dos seus poemas, sair sem tornar-se um pouco poeta, porque ele convence o leitor diante da escrita e desperta nele a vontade de “entortar” os verbos ou até mesmo “escutar a cor dos passarinhos” (RODRIGUES, 2016).

O poeta José Paulo Paes, no texto *Infância e Poesia* (1998), aborda as similitudes entre o pensamento da criança e a construção poética, analisando quatro elementos como a sonoridade, a forma, a linguagem e a imagem refletindo sobre o despertar lúdico da criança. Além disso, destaca-se em seus repertórios de poemas, a brincadeira com as palavras e traz a relação entre o poema e o leitor que deixa livre a imaginação entre eles para construir seu próprio mundo. É dessa construção poética citada acima que se faz a poesia de Manoel de Barros que está muito mais ocupada com o que a poesia

pode despertar no leitor do que com a estranheza que seus versos podem lhe causar.

Ademais, a sonoridade abordada se dá por meio da rima, assonâncias, repetições de palavras, onomatopéias que dão musicalidade ao texto e essa busca de combinação de diversas palavras compara-se como um quebra-cabeça, só encaixa a palavra certa. É importante destacar que a repetição é importante para a criança no desenvolvimento do aprendizado, tornando um universo de comunicação, e assim a poesia nasce de um estímulo de linguagem, levando o leitor a um encanto com o som, como mostra em *Poemas para brincar*, José Paulo Paes (1990):

Patacoada
A pata empata a pata
porque cada pata
tem um par de patas
e um par de patas
um par de pares de patas.
Agora, se se engata
pata a pata
cada pata
de um par de pares de pata,
a coisa numa mais desata
e fica mais chata
do que a pata de pata.

De acordo com Oliveira (2008), o que Manoel de Barros traz em sua poesia como a imaginação nos versos, nas palavras, é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e também o ato de criar elementos conforme

a leitura propicia. Esse lúdico, ou seja, o brincar em sua poesia possibilita à criança e ao jovem reviver, elaborar, organizar suas ideias contribuindo para o próprio conhecimento, do outro e do mundo que o cerca.

Além disso, Manoel de Barros utiliza mescla de figuras de linguagem como sinestésias, prosopopeias, neologismos, e marca sua poesia por um vocabulário coloquial que, juntos, tentam aproximar o leitor da natureza e buscar outros sentidos e significados nas palavras, diferente daquele que é imposto na sociedade (OLIVEIRA, 2008). Desse modo, Barros (2004, p. 47) demonstra:

*Carrego meus primórdios num andor.
Minha voz tem vício de fontes.
Eu queria avançar para o começo.
Chegar ao criancamento das palavras.
Lá onde elas ainda urinam na perna.
Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos.
Quando a criança garatuja o verbo para falar o
que não tem.
Pegar no estame do som.
Ser a voz de um lagarto escurecido.
Abrir um descortínio para o arcano.*

Outro ponto destacado por Paes (1998), em *Infância e Poesia*, é a forma como ele brinca com as palavras, mostrando ao leitor como se faz e o leitor diante disso busca pela criação na poesia. Existe uma ordem e uma ligação nas palavras, como observa nesse trecho do poema “Letra Mágica” “[...] para o elefante/ tão deselegante/ficar elefante? / Ora, troque o f por g! / Mas se trocar, no

rato/ o r por g/ transforma-o você/ (veja que perigo!) / no seu pior inimigo/ o gato” (SILVA, 2012).

Por fim, o autor José Paulo Paes deixa claro que tem que haver uma reciprocidade entre o leitor e o poema, não apenas educar e sim para ir além com a imaginação, ou melhor, trabalhar com a fruição lúdica da forma e do sentido do poema. Outro ponto, a poesia na escola deve ultrapassar o ensino da gramática. É necessário o leitor considerar os valores estéticos da escrita, assim “o importante é fazer contato com a poesia antes fonte de prazer gratuito que de obrigações escolares” (PAES, 1998, p. 5) (SILVA, 2012).

Segundo Silva (2010), Manoel de Barros é um poeta reciclável, pois aquilo que não faz fundamento para a sociedade, ele é capaz de transformar no seu projeto poético. E o jogo de palavras, em seus poemas, oferece novas descobertas para o leitor que está entendido com apenas um significado, e Barros faz muito bem isso com os verbos em seus versos em tom de musicalidade, conferindo uma ludicidade na linguagem, como na obra *O livro das Ignoranças*, de 1994:

*O delírio do verbo estava no começo, lá
onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não
funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um
verbo, ele delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz*

de fazer nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio
(BARROS, 1994, p. 17)

Essa ludicidade abordada em seus poemas faz toda diferença nos textos do poeta Manoel de Barros, porque ele permite que o leitor mergulhe no mais profundo da imaginação e que busque outros significados frente uma palavra. E essa criação de saberes contribui para a construção do mundo do leitor seja individual ou social (SILVA, 2010).

Ler Manoel de Barros permite descobrir, na busca por um poeta que fale com a infância, o desejo de encontrar, antes de tudo, um poeta que fale e acorde a criança que nos habitava, já no mundo dos adultos, e permite certificar que a poesia, assim como a literatura em geral, não carece de adjetivos e classificações, como tão bem afirma Andrueto (2012).

III RETRATO DO LEITOR DE POESIA QUANDO JOVEM *a pesquisa em ação na sala de aula*

*Eu só faço travessuras com as palavras.
Não sei nem me pular quanto mais obstáculos.*

Manoel de Barros

Para compreender e promover o encontro e a necessidade desse encontro do jovem leitor com a poesia, é importante destacar que essa pesquisa busca desenvolver um trabalho científico a partir de dois caminhos: o bibliográfico e a pesquisa-ação, de caráter qualitativo, com intervenção em sala de aula. O primeiro caminho permite um maior embasamento teórico-conceitual para um melhor conhecimento do *corpus* a ser pesquisado; e o segundo possibilita uma interação participativa e produtiva, desenvolvendo um contexto em que aluno, professora e pesquisadora sejam protagonistas de suas próprias ideias, criando possibilidades para uma avaliação qualitativa da pesquisa.

Tendo como objetivo investigar por que as crianças têm deixado de ler poesia e como a escola pode promover esse reencontro entre o texto poético e o leitor, elegeu-se como campo de pesquisa a escola Monsenhor Angelino, com a turma do oitavo ano, por um período de três meses de atividades em sala de aula, sendo de

setembro a novembro de 2020. A escola selecionada para a coleta de dados e a aplicação da pesquisa está localizada na cidade de Inhumas-GO, na Rua Sizelísio Simões de Lima, nº 112 - Centro. A instituição é de iniciativa privada e oferece Ensino Fundamental - anos finais, do 6º ao 9º ano, num total de cinco turmas, duas delas são de 9º ano. A turma do 8º ano, selecionada para a aplicação, é composta por 44 alunos. A referida escola foi escolhida pelo fato de, em razão da situação enfrentada no mundo devido à pandemia causada pelo Covid-19, ter ofertado aulas pelo aplicativo *Zoom Meet* em horários distribuídos entre as 08h da manhã e as 12h30 da tarde.

Para a realização dessa investigação foram realizadas oficinas de leitura virtuais, por meio do aplicativo *Zoom Meet* de alguns poemas de Manoel de Barros presentes nas obras *Memórias Inventadas: a segunda infância* e *Poesias Completas*; também foi aplicado um questionário inicial e outro final para a coleta e observação de dados os quais foram utilizados como objetos de análise que podem ser publicados integralmente ou parcialmente na dissertação, além de um diário de campo (as observações feitas durante os encontros virtuais). As produções de textos (verbais e não verbais) desses alunos, durante a pesquisa, alimentarão um *site* que será o produto final da pesquisa proposta.

Essa pesquisa acerca da leitura de poesia, “**Deseñhos verbais: a poesia e seus encantos**”, visa despertar na criança a sensibilidade para a leitura de textos poéticos, além de contribuir para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, desenvolvimento da criatividade-

de e criticidade. O essencial é respeitar os interesses dos sujeitos envolvidos, valorizando suas opiniões e interpretações dos textos lidos. Acredita-se que pela poesia o indivíduo pode tornar-se um ser mais humanizado, capaz de observar e valorizar tudo o que está à sua volta, pois tudo se torna “matéria para a poesia”¹.

Para o desenvolvimento das atividades, os encontros foram divididos em quatro etapas, conforme se descreve a seguir e se relata de forma mais minuciosa adiante:

- **Realização do 1º Encontro:** Apresentação da proposta de trabalho que foi desenvolvido e entregue um questionário inicial; entrega de cartões de incentivo à leitura e brindes.
- **Realização do 2º Encontro:** Exposição dos poemas escolhidos para esse encontro, leitura e análise dos textos escolhidos.
- **Realização do 3º Encontro:** Exposição dos poemas escolhidos para esse encontro, leitura e análise dos textos escolhidos.
- **Realização do 4º Encontro:** Culminância do Projeto Desenhos verbais: a poesia e seus encantos.

¹ “Matéria de poesia”, Manoel de Barros, é uma obra publicada em 1974, nela o poeta explicita do que é feita a sua poesia, nascida de coisas desimportantes, coisas do chão.

A metodologia escolhida para o desenvolvimento e aplicabilidade do projeto foi por meio das seguintes ações: escolha e leitura prévias de textos poéticos de Manoel de Barros para leitura e análise com os alunos; compartilhamento, por parte dos alunos, de suas leituras, através do diálogo em sala, apontando também qual/quais texto(s) mais se identificaram; anotações, desenhos e filmagens feitos sobre os textos que os alunos mais gostaram; e exposição virtual dos desenhos feitos sobre os poemas, preservando o anonimato do autor (como foi o desejo de alguns alunos que aceitaram participar do projeto, mas que não permitiram a divulgação das suas imagens). É importante ressaltar que todos os alunos da turma selecionada participaram do projeto, desenvolveram as atividades e se envolveram nas propostas apresentadas, mesmo não desejando aparecer no vídeo produzido para o Sarau virtual.

De todas as fases da pesquisa, a que mais me² agradou foi o momento de colocar em prática aquilo que havia sido planejado. Ir a campo, ter contato com os participantes escolhidos para a pesquisa, verificar se os conceitos apreendidos se validavam na prática, sendo essa a parte mais desafiadora e mais empolgante. Fazia parte do meu desejo de pesquisadora compreender as teorias, mas fazia-se mais forte em mim a veia de professora-pesquisadora, que ansiava pelo contato direto com os alunos, pela experiência e vivência prática. Nada

2 A partir dessa etapa de relato da pesquisa, utilizarei a primeira pessoa do verbo na escrita, dada a interação entre pesquisadora e objeto pesquisado (pela natureza da pesquisa-ação).

poderia ser mais gratificante do que percorrer um caminho acompanhada por meus aprendizes e professores ao mesmo tempo.

Quando propus esse projeto de pesquisa, não tinha a pretensão de, num curto espaço de tempo, arrebatar meus alunos com algumas poucas leituras dos poemas de Manoel de Barros, tampouco imaginei o quanto tudo isso me revelaria. O objetivo, sem dúvida, foi de despertar o gosto pela poesia e sabia que a jornada seria prazerosa, conhecia meus alunos e tinha consciência do que eles eram capazes, mas não imaginava quão dolorosa ela seria. Sabia que alguns participantes da pesquisa aceitariam dela participar, ainda que, não muito entregues à proposta, porém, não imaginava que a maioria desejaria desistir.

Durante o processo de desenvolvimento da pesquisa e da aplicação do projeto em sala de aula, muita coisa nos aconteceu. Fomos atingidos pela pandemia do novo coronavírus e o que parecia muito distante de nós estava chegando cada vez mais perto e isso refletiu no meu trabalho. De uma hora para outra fomos impedidos de estar na escola e um novo formato de aulas precisou ser criado. Inúmeras vezes encontrei os meus alunos abatidos, sem brilho, perdidos, machucados e sem esperança – a poesia passou aí a ter mais que a função que eu achava que ela deveria ter: a de formar leitores de poesia, ela passou a ter a função de ter que, de alguma forma, acalantar os nossos corações. Falar de esperanças e de sonhos passou a ser a primeira necessidade. A poesia deveria, dessa vez, não só formar, mas reconstruir seus leitores machucados

com as perdas sofridas. Tudo se tornou mais difícil, porque a minha dificuldade não era somente fazer com que lessem poesia, mas agora eles precisavam encontrar um sentido maior para isso.

Durante o nosso percurso, muitos alunos quiseram desistir – e de fato desistiram –, alguns pediram para que suas produções não fossem usadas e outros não se manifestaram de maneira alguma, participavam das atividades propostas, mas não queriam se envolver. Por muito tempo, encontrei-me em desespero como pesquisadora, pois não se tratava mais de uma pesquisa para uma dissertação, tratava-se de sentimentos, e com isso eu não podia fracassar.

O trabalho se tornou mais pesado do que já seria normalmente e não revele isso como forma de justificar alguma falha, mas porque descobri que tudo fez parte do caminho e percebi que esse caminho era mais valioso do que o produto final da pesquisa. Não foram só os meus alunos que desanimaram, também eu estive desanimada e, por muitas vezes, precisei fazer ressoar em mim a voz da minha orientadora que, um dia, citando Drummond, me disse que haveríamos de amanhecer. Tive que ressignificar o que esta pesquisa representava para mim para poder chegar até os meus alunos, juntamos nossas feridas e nos demos as mãos para que pudéssemos nos encontrar com a poesia que havia em nós.

Ao longo do trabalho desenvolvido com os alunos, pude perceber que aqueles momentos não se destinavam a um encontro com a poesia e, pela minha escolha, com a poesia de Manoel de Barros, mas sim, e

antes de tudo, com a descoberta e o encontro de si mesmo. Creio que aí está o encantamento da poesia e, não necessariamente, a compreensão e interpretação de um texto poético ou da sua temática, mas sim esse encontro promovido com o próprio Eu.

A tão sonhada formação do leitor de poesia é um desafio muito maior do que se possa imaginar, porque vai além do despertar nos nossos alunos o desejo de ler poesia, é, antes de tudo, o despertar de se permitir ler a si mesmo. Compreendo como minhas afirmações soam românticas em demasia diante de um mundo tão cheio de caos, mas como poderíamos enfrentar esse caos sem antes nos olharmos? Não foram as respostas dos meus alunos que me permitiram ver isso, mas os seus silêncios e o quanto deles me foram revelados no silêncio.

3.1 O desenrolar do projeto

Apresentarei a seguir a descrição do projeto de leitura de poesia **Desenhos verbais: a poesia e seus encantos**, que foi desenvolvido com os alunos do oitavo ano da escola escolhida como campo para essa pesquisa.

Para que o projeto pudesse ser desenvolvido durante as aulas de literatura, optei por estipular quatro encontros, em que os alunos pudessem ter contato com alguns dos textos poéticos de Manoel de Barros escolhidos e algumas das atividades propostas foram feitas em outros horários que não nos de aula. Essas escolhas foram feitas porque, quando o projeto de pesquisa foi aplicado, as aulas já estavam acontecendo em forma-

to *on-line* devido à pandemia do novo coronavírus e dispúnhamos de pouco tempo em cada um de nossos encontros (quarenta minutos por encontro) para que o projeto fosse desenvolvido sem comprometer os conteúdos que precisavam ser cumpridos.

Como havia um intervalo de tempo entre um encontro e outro, os alunos tiveram a oportunidade de buscar outros textos poéticos além daqueles que eu já lhes havia apresentado. Em todos os nossos encontros os alunos sempre traziam algo novo para compartilhar: duas alunas cantaram poemas de Manoel de Barros que foram musicados. A aluna Sofia cantou “Sombra Boa”, musicada pelo “Crianceiras”, um projeto educativo que se propôs a musicar alguns poemas de Manoel de Barros, e a aluna Maria Clara escolheu e musicou um outro poema e como não dispunha de nenhum instrumento musical, ritmou a canção com as palmas das mãos, dando vida ao poema escolhido por ela.

Em um outro momento, a aluna Rafaela escolheu um poema de Mário Quintana e fez uma pintura representando o que ela interpretou do texto que escolheu. Nossas aulas foram marcadas por momentos que nos permitiram um contato mais atento aos sentimentos que ficaram mais aflorados em razão da nova realidade enfrentada (a da pandemia), possibilitando que a criatividade e a sensibilidade tomassem conta das atividades realizadas.

Como mencionei anteriormente, as ações do projeto foram divididas em quatro encontros que aconteceram durante três meses. O primeiro no dia 21/09; o segundo, 05/10; o terceiro, 26/10; e o quarto encon-

tro no dia 09/11/2020. Mesmo depois da finalização do projeto, os alunos ainda continuaram relatando outras leituras feitas e a descoberta de novos poetas, apresentando para os colegas suas leituras. Como o essencial na proposta feita pelo projeto era respeitar os interesses dos sujeitos envolvidos, valorizando suas opiniões e interpretações dos textos lidos, a criatividade e a sensibilidade, todas as vezes que algum dos alunos trazia suas leituras, nós separávamos um tempo para ouvi-los, reforçando os objetivos principais do projeto: formar leitores de poesia capazes de ler com criticidade e sensibilidade, estabelecendo uma relação entre a poesia e as diferentes realidades vividas pelos alunos, valorizando o conhecimento de mundo e a compreensão de cada um e oportunizando a criatividade e a imaginação para que a troca de experiência entre eles acontecesse de maneira respeitosa e construtiva.

Ademais, foi perceptível, ao longo do caminho percorrido, que a pesquisa possibilitou aos sujeitos participantes: a troca de experiência sobre a leitura do texto poético; a ampliação do seu repertório linguístico; um maior conhecimento sobre o poeta Manoel de Barros e sua poesia; e o desenvolvimento da criatividade e da sensibilidade durante a leitura e análise dos textos poéticos, que não se limitaram somente aos nossos encontros, como já foi dito anteriormente. Os quatro encontros ocorreram como descrito a seguir:

Realização do 1º Encontro: Apresentação da proposta de trabalho a ser desenvolvida e entrega de um questionário inicial; entrega de cartões de incentivo à

leitura e brindes; apresentação do poeta Manoel de Barros e leitura de textos poéticos. Posteriormente, foi proposto que alguns alunos falassem sobre suas experiências referentes à poesia.

Os alunos foram convidados a participar da pesquisa recebendo, num saquinho de papel, um convite com um trecho de um poema de Manoel de Barros, um chocolate Bis e um caderninho feito à mão, com as páginas em branco e uma única frase de Manoel de Barros na capa: “Poesia é voar fora da asa”.

Figura 1



Fonte: Arquivo Pessoal

O convite foi uma surpresa, receberam-no na secretaria da escola quando foram entregar as atividades realizadas na semana anterior. Nosso primeiro encontro

foi marcado por muita euforia, expectativa e disposição à proposta apresentada. Antes de responder às perguntas dos alunos sobre a pesquisa, teve início a aula com a leitura de um poema de Affonso Romano de Sant'ana, "O leitor e a Poesia", e houve um debate sobre o que era a poesia para eles.

*Poesia
não é o que o autor nomeia,
é o que o leitor incendeia.*

*Não é o que o autor pavoneia,
é o que o leitor colhe à colmeia.*

*Não é o ouro na veia,
é o que vem na bateia.*

*Poesia
não é o que o autor dá na ceia,
mas o que o leitor banqueteia.*

(Affonso Romano de Sant'Anna. Melhores poemas. 3. ed. Seleção de Donaldo Schuler. São Paulo: Global, 1997. p. 150)

Mais tarde, foi apresentada a biografia do poeta Manoel de Barros e, em seguida, reproduziu-se uma canção do *Projeto Crianças*, que musicou alguns poemas de Manoel de Barros.

Figura 2.



Fonte: Arquivo Pessoal

As respostas apresentadas por eles me surpreenderam bastante porque, para eles, a poesia não significava um texto com versos e estrofes, muito pelo contrário, os alunos sabiam muito mais do conteúdo do que da forma. Seis alunos participaram desse momento, expondo suas ideias do que seria poesia:

Ingrid: *Pra mim, tem a diferença de poema e poesia, né? Poesia é uma forma de representar um poema, só como se fosse a arte de representar um poema, só que de forma escrita, como se tivesse rima, que você expressasse os sentimentos, essas coisas. Porque poema não é a mesma coisa que poesia, poema envolve tudo que tem envolvimento com alguma coisa, uma música pode ser um poema, enquanto... ai, eu não sei (rsrsrs).*

Maria Clara: *Pra mim, poesia é a gente expressar seus sentimentos, expressar o que você tá sentindo, sem medo de ser julgado pelas outras pessoas e eu acho que é a forma mais linda de você expressar seus sentimentos.*

Heitor: *Eu nunca pesquisei nenhum contexto disso no google, nem nada, mas eu acho que poesia é a mensagem que tá dentro de um poema. Eu acho.*

Laura: *Eu acho que poesia é tipo uma arte que você também mostra só ela, mostrar seus sentimentos, por meio de coisas escritas. Você também pode mostrar, tipo, pinturas, esculturas também é poesia. Acho que poesia é toda uma arte, assim, você mostrar mesmo o que você tá sentindo, falar sobre você por meio de uma arte. Eu acho que é isso.*

Ana Luiza: *Eu acho que a poesia seria um texto onde a base do texto são os sentimentos, um texto que você não tem medo de expressar seus sentimentos através das palavras, através das pontuações e que não segue um padrão, cada pessoa faz de um jeito, apresenta seus sentimentos na hora de escrever.*

Geovana: *Professora, pra mim também, como todo mundo disse, poesia é uma forma de expressar sentimentos e pode ser muito variada. A gente pode expressar sentimentos, como a Laura disse, por pintura, escultura, por poema também, é por exemplo, antigamente, quando eu ficava muito irritada, ou tinha algum sentimento, ficava muito feliz ou muito triste, eu escrevia poema, pra tentar expressar o que eu tava sentindo e guardar pra depois eu ler. Eu perdi os meus poemas, mas era uma forma de eu me expressar, de conseguir saber o que tava acontecendo comigo e, tipo, era coisa pessoal minha... e é uma forma de eu expressar poesia.*

Ingrid: *Igual a Geovana falou, pra tentar acalmar, e, em vez de, pra tentar me acalmar é música, tipo, porque*

música também expressa alguma coisa, sabe, e parece que ouvindo aquela música, você consegue entender e refletir sobre aquilo que você está sentindo, parece que as coisas melhoram, pra mim é música. Eu nunca fui de escrever poema por si só, mas pra mim é música.

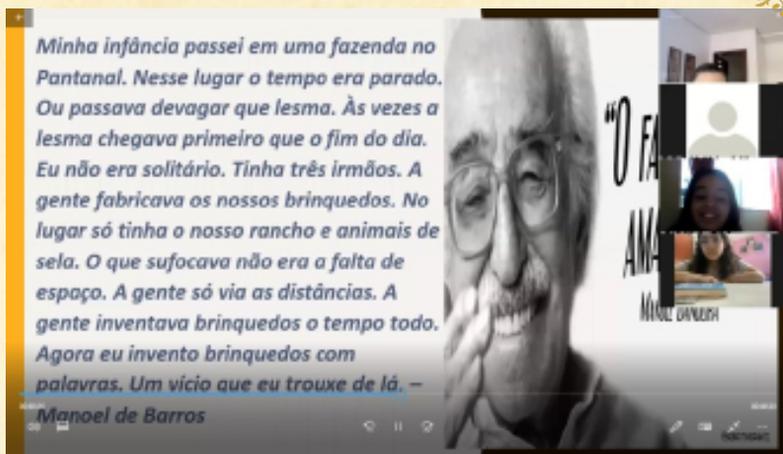
Nesse momento, reforcei com eles que música e poesia andam juntas. Destaquei algumas canções como as de Milton Nascimento, Caetano Veloso, Toquinho, entre outros, em que também encontramos poesia e eles destacaram outros cantores em que eles também percebiam a presença da poesia em suas canções “porque, de certa forma, também tem sentimento, professora”. Depois disso, a aluna Laura fez mais uma observação:

Laura: Professora, eu só queria falar que, às vezes, quando a gente escuta “poesia”, ou vai ler um livro e tá lá “poesia”, a gente fica “meu Deus, eu não quero ler, porque prefiro narrativa e tudo mais”, mas acho que poesia está em tudo, então, a gente, às vezes, pensa que poesia é uma coisa só que acaba sendo outra, é tipo nessa coisa do livro, a gente fica, tipo, “Ah, é ruim e tudo mais”, mas não é por aí.

Depois da fala da Laura, foi reforçado com eles o que havia de encantador nas colocações que eles fizeram, e que, de maneira geral, todos entendiam o que era poesia, pois haviam reconhecido que poesia estava em tudo, que só nos bastava olhar para o mundo com olhos inaugurais, olhar para o mundo e as coisas do mundo com olhos de poeta. Ressaltei que foi maravilhoso ouvir as respostas deles e que eles, de fato, sabiam bem o que era poesia, porque todos a ligaram com a subjetividade.

Logo em seguida, mostrei para eles uma foto do Manoel de Barros, autor escolhido para o projeto, e eles ficaram encantados com o seu sorriso, falaram que o autor lembrava o avô de alguns e lemos um texto em que o próprio poeta falava sobre a sua infância.

Figura 3



Fonte: Arquivo Pessoal

Em seguida, destacamos a linguagem que se apresentava recheada de metáforas e dos significados novos que o poeta dava às palavras que já conhecíamos. Em seguida, apresentei o *Projeto Criações*, desenvolvido por Márcio de Camillo³, e ouvimos juntos a música “Sombra Boa”. Os alunos gostaram bastante e se interessavam pelo aplicativo do projeto que, além das músicas, conta com outros recursos. Depois de ouvirmos o

³ Disponível em <http://criacoes.com.br/>

poema musicado, os alunos fizeram relação com outros poemas que também conheceram como canções, citando os poemas de Vinícius de Moraes que conheciam. A linguagem usada pelo poeta, de maneira simples e muito rica de significados chamou muito a atenção dos alunos, assim como as “iluminuras” feitas por Martha Barros, filha de Manoel de Barros, que se parecem com desenhos infantis. Nossa aula terminou assim, deixando nos alunos várias inquietações e curiosidade para o próximo encontro.

Realização do 2º Encontro: Foi feita a exposição dos poemas escolhidos para esse encontro, leitura e análise dos textos escolhidos. Após a leitura, foi proposta uma atividade de compreensão dos textos lidos (essas atividades poderiam ser verbais ou não-verbais de acordo com a escolha de cada aluno). Assim que concluíram, foi aberto um espaço para que, aqueles que quisessem, relatassem sua experiência de leitura e de interpretação.

Iniciamos o nosso segundo encontro ouvindo a canção “Bernardo”, também musicada pelo *Projeto Crianças*. Contextualizei para eles quem era Bernardo para o poeta e a maneira poética como essa pessoa era vista por Manoel de Barros.

Figura 4



Fonte: crianceiras.com.br

Em seguida, retomei os conceitos de poema e poesia, organizando as ideias que os alunos haviam apresentado na aula anterior. Para esse encontro, trouxe para a aula um poema de Carlos Drummond de Andrade, “Casa Arrumada”, e eles disseram se o texto era ou não era um poema.

Casa arrumada é assim:

Um lugar organizado, limpo, com espaço livre pra circulação e uma boa entrada de luz.

Mas casa, pra mim, tem que ser casa e não um centro cirúrgico, um cenário de novela.

Tem gente que gasta muito tempo limpando, esterilizando, ajeitando os móveis, afofando as almofadas...

Não, eu prefiro viver numa casa onde eu bato o olho e percebo logo: Aqui tem vida...

Casa com vida, pra mim, é aquela em que os livros saem das prateleiras e os enfeites brincam de trocar de lugar.

*Casa com vida tem fogão gasto pelo uso, pelo abuso das refeições fartas, que chamam todo mundo pra mesa da cozinha.
Sofá sem mancha?
Tapete sem fio puxado?
Mesa sem marca de copo?
Tá na cara que é casa sem festa.
E se o piso não tem arranhão, é porque ali ninguém dança.
Casa com vida, pra mim, tem banheiro com vapor perfumado no meio da tarde.
Tem gaveta de entulho, daquelas que a gente guarda barbante, passaporte e vela de aniversário, tudo junto...
Casa com vida é aquela em que a gente entra e se sente bem-vinda.
A que está sempre pronta pros amigos, filhos...
Netos, pros vizinhos...
E nos quartos, se possível, tem lençóis revirados por gente que brinca ou namora a qualquer hora do dia.
Casa com vida é aquela que a gente arruma pra ficar com a cara da gente.
Arrume a sua casa todos os dias...
Mas arrume de um jeito que lhe sobre tempo pra viver nela...
E reconhecer nela o seu lugar.*

A aluna Laura disse: “Eu acho que o texto é um poema porque mesmo não tendo rimas, muitas rimas, ele tem a estrutura, né? Com versos e estrofes, então eu acho que sim”. (E pode ser chamada de poesia?) “Acho que sim, com certeza na verdade, porque nele tem um sentimento que o autor tá passando, é... também tem uma mensagem que ele tá querendo passar e também tem uma arte ali dentro, porque escrever é uma arte. Então, eu acho que sim.”

Durante a análise do texto, os alunos disseram o que para eles era uma casa arrumada e como eles entendiam a metáfora “Casa arrumada”. Nesse momento, a aluna Maria Clara disse que “*a casa arrumada representava o coração e que dentro dele tudo deveria estar arrumado, organizado, não ter mágoa de alguém, nem ter brigado com ninguém*”. Depois desse momento, pedi que organizassem a sua casa interior e que construíssem uma frase poética a partir do verso de Drummond: “Casa com vida, pra mim, é aquela em que...”

Rogério: *...tem cheiro de casa de vó.*

Henrique: *...dá pra tomar um café com bolo de vó.*

Leonardo: *...tem aconchego e muita gente.*

Laura: *...tem cores e cheiro bom.*

Geovana L.: *...há muita alegria e todos são bem-vindos.*

Laís: *...você se sente bem com as pessoas que estão lá.*

Geovana G.: *...as memórias ficam guardadas em cada cômodo que você entra.*

Rafaela: *...a gente tem uma boa relação com todos e que tem animais.*

Assim, durante nossa conversa sobre o que seria uma casa com vida para cada um de nós, tivemos momentos muito emocionantes. O poema lido trouxe à memória momentos em que as famílias se reuniam e que alguns familiares ainda estavam vivos. Com os relatos feitos do que era uma casa com vida, desejava contrapor a dor de muitos deles que já haviam perdido alguns familiares para a Covid-19. Nessa conversa, compreendi que a poesia nos havia levado para um lugar repleto de boas

lembranças e saudades, e que, de alguma forma, isso havia trazido uma certa leveza para todos nós.

No final do nosso encontro, apresentei para os alunos uma pintura de Martha Barros que representa a água e a vida na água, e pedi que fizessem uma pesquisa na internet sobre alguns textos de Manoel de Barros, uma vez que, não estando na sala de aula de maneira presencial, não poderiam ter contato com o livro físico. Depois da pesquisa, escolheriam uma frase poética da qual mais tivessem gostado e que a ilustrariam no caderno em branco que lhes havia sido entregue para a nossa próxima aula.

Figura 5



(Nossas Coisas de Ver, Martha Barros)

Realização do 3º Encontro: Exposição dos desenhos feitos e das frases poéticas que haviam sido pesquisadas pelos alunos e exposição dos poemas escolhidos para esse encontro, leitura e análise dos textos

escolhidos. Após a leitura foi proposta uma atividade de compreensão dos textos lidos (essas atividades poderiam ser verbais ou não verbais de acordo com a escolha de cada aluno). Assim que concluíram, foi aberto um espaço para que, aqueles que quisessem, relatassem sua experiência de leitura.

Iniciamos nosso encontro, apresentando as frases de Manoel de Barros e os desenhos feitos, a partir da compreensão que cada um tinha do texto escolhido. Os alunos trouxeram belos desenhos e alguns relataram que encontraram frases tão interessantes que tiveram dificuldade para escolher apenas uma.

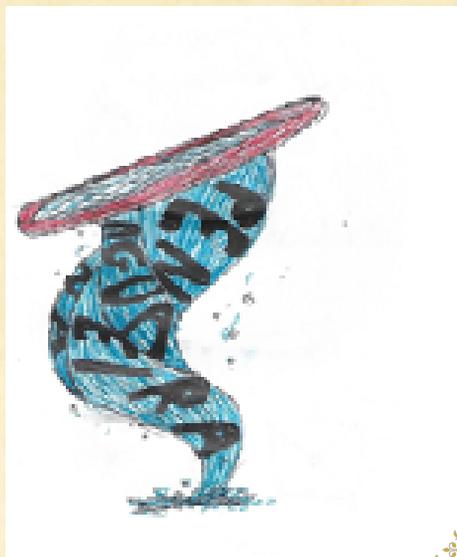
Figura 6



Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 7



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 8



Fonte: Arquivo Pessoal

Logo depois, apresentei para eles o livro *Exercícios de ser criança*, de Manoel de Barros, e destaquei o poema “O menino que carregava água na peneira”. Os alunos ficaram encantados e bastante curiosos para verem o livro físico, pois chamou-lhes a atenção o fato de ele ter sido ilustrado com bordados feitos à mão em vez de desenhos.

Figura 10



Arte feita por bordadeiras de Minas Gerais, Grupo Matizes Dumont, que ilustra o livro “Exercícios de ser criança”

Nesta aula, fizemos a leitura de dois poemas de Manoel de Barros, “O menino que carregava água na peneira” e “Desejar ser 2”.

O menino que carregava água na peneira

Tenho um livro sobre águas e meninos.

*Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.*

*A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento e
sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.*

*A mãe disse que era o mesmo
que catar espinhos na água.*

O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.

*Quis montar os alicerces
de uma casa sobre orvalhos.*

*A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio, do que do cheio.*

Falava que vazios são maiores e até infinitos.

*Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito,
porque gostava de carregar água na peneira.*

*Com o tempo descobriu que
escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira.*

*No escrever o menino viu
que era capaz de ser noviça,
monge ou mendigo ao mesmo tempo.*

O menino aprendeu a usar as palavras.

Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.

E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.

O menino fazia prodígios.

Até fez uma pedra dar flor.

A mãe reparava o menino com ternura.

A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!

*Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!*

Nesta aula, os alunos já estavam pensando nas imagens poéticas que Manoel de Barros construía e eles buscavam dar a elas algum sentido que lhes aproximasse da sua realidade de mundo. Eu não os conduzi nessa análise e deixei que eles mesmos construíssem os sentidos do texto que encontraram, sem nenhuma interferência minha. E, para minha surpresa, ou contentamento, pude constatar que eles já estavam bastante envolvidos com os textos e os sentidos que eles lhes produziam. Alguns alunos quiseram falar sobre a ideia de carregar água na peneira e o fazer poético.

Laura: *Pelo que eu entendi, ele não quis muito dizer “carregar água na peneira” literalmente, assim, tipo, carregar água na peneira...*

Leonardo: *“Carregar água na peneira” pode dar certo, mas é difícil.*

João Lucas: *É como fazer poesia, não vai ter muita aceitação das pessoas e é complicado.*

Laura: *Acho que representa o poeta, que ele pode, tipo, fazer tudo como ele falou, ele pode ser tudo, ele pode fazer tudo numa mesma hora, assim, “carregar água na peneira”, assim, mesmo que seja difícil, é... dá certo, pode dar certo. Igual escrever mesmo.*

Sofia: *Professora, eu acho que esse menino é o Manoel de Barros mesmo. Se alguém me falasse que era ele, eu acreditaria.*

Depois de ouvi-los, eu os conduzi para uma terceira leitura do texto, observando que a visão do adulto é limitada e só a insistência do menino cheio de “despropósitos” poderia fazer a ação de carregar água na peneira acontecer. Pensamos no significado que o prefixo “des-” dava à palavra e a aluna Maria Clara disse *que entendia a palavra “despropósitos” como “liberdade”, não tendo que seguir alguma coisa já pronta*. A aluna Laura disse *que a mãe do menino pensava tudo de maneira racional, mas o menino não era assim, o que justificava a atitude da criança ter despertado um olhar mais atento do adulto*.

Outra imagem poética que chamou a atenção dos alunos foi a do “vazio”, e, assim como o caderno que eles receberam no início do projeto que também estava vazio, compreenderam que o *vazio* é mais interessante que o *cheio*, porque os vazios podem ser preenchidos. Por fim, ainda preocupados com a ação de carregar água na peneira, eles chegaram à conclusão de que as gotas de água que ficam na peneira também é água e que, assim, a ação de carregar água na peneira é possível.

Em seguida, fizemos a leitura do poema “Desejar ser 2” e ouvimos o poema musicado por Marcio de Camillo.

Prefiro as linhas tortas, como Deus.

Em menino eu sonhava de ter uma perna mais curta (Só pra poder andar torto).

Eu via o velho farmacêutico de tarde, a subir a ladeira do beco, torto e deserto... toc ploc toc ploc.

Ele era um destaque.

*Se eu tivesse uma perna mais curta,
todo mundo haveria de olhar para mim: lá vai o
menino torto subindo a ladeira do beco toc ploc toc ploc.
Eu seria um destaque. A própria sagração do Eu.*

Neste texto, os alunos observaram que, apesar do absurdo de o menino querer ter uma perna mais curta, ele tinha o desejo de ser visto pelos outros, e que as linhas tortas são mais criativas e interessantes que as retas. Quando perguntados sobre o que a imagem poética construída no verso “eu via o velho farmacêutico de tarde, a subir a ladeira do beco, torto e deserto...” lhes causava, as alunas Laura, Ingrid e Geovana G. disseram:

Laura: O farmacêutico subia a ladeira e não a descia, e eu acho que é porque quando você sobe, você alcança um lugar de destaque. Geralmente, tudo o que está no alto é aquilo que está mais destacado.

Ingrid: E também, mesmo com um homem de perna torta, ele tava subindo a ladeira, ou seja, ele conseguia ir para o destaque. Igual a gente que é, tipo, cheio de coisas tortas, a gente não é perfeito e a gente pode conseguir um destaque.

Geovana G.: E, geralmente, subir é mais difícil que descer.

Nesse dia, o encontro passou tão rapidamente que não conseguimos, juntos, concluir nenhuma atividade de produção escrita antes que a reunião se encerrasse, e a atividade escrita foi proposta para ser feita em casa. Nessa atividade, os alunos foram conduzidos a escrever um verbete poético pensando em algo que, para eles, era im-

portante ou significativo. Os alunos demonstraram que tinham o desejo de se expressar, manifestar suas opiniões e, por isso, no quarto encontro, organizamos a leitura de outros textos a pedido deles.

Realização do 4º Encontro: Culminância do **Projeto Desenhos verbais: a poesia e seus encantos**. Nesse encontro houve momentos para relatos dos alunos que participaram do projeto sobre as experiências vivenciadas e o que consideraram como significativo com a realização deste projeto; leituras dos verbetes poéticos que tinham feito em casa; leituras de outros textos de Manoel de Barros; comentários e escrita sobre as percepções dos participantes sobre o privilégio da interação aluno-aluno, mais do que professor-aluno, entrega do questionário final; e o encerramento e escolha da data para que o vídeo do Sarau de poesia realizado pelos alunos com as atividades desenvolvidas ao longo do processo fosse apresentado.

Começamos este nosso encontro com os verbetes que eles haviam criado. Aos verbetes não colocamos a autoria de modo que, aleatoriamente, os alunos iam digitando e compartilhando seus verbetes na caixa de mensagem no decorrer da aula, à medida que se sentiam à vontade para fazê-lo:

Criança: alguém com um parque de diversões no seu interior.

Livro: viagem além da imaginação.

Livro: portal para outra realidade, esperança escrita.

Vida em cor, histórias de amor.

Amor: o sentimento mais bonito, puro, mas que mais faz sofrer.

- Saudade: sentimento de falta porque se ama alguém.*
Tristeza: angústia dentro de nós, peso no coração.
Angústia: sensação de insuficiência e tristeza.
Dicionário: auxiliar do estudante.
Leitura: é a sua imaginação.
Livro: conjunto de palavras mágicas que nos fazem viajar para todo e qualquer lugar sem sairmos de casa.
Redes sociais: lugar onde as pessoas só mostram os dias bons.
Música: é a poesia dos deuses.
Dicionário: impositor de regras; ajudante dos estudantes.
Relógio: tudo no seu tempo.
Sonhos: lugar onde tudo pode acontecer, mas depois que acordar, só você pode realizar.
Adulto: a criança que deixou de ser criança.
Escola: lugar onde você ganha conhecimento.
Cachorro: um animal mais fiel que muita gente.
Infância: onde você é adolescente.
Adolescente: quer voltar a ser criança.
Tristeza: sentimento que pode ser facilmente escondido com um sorriso.
Paixão: muitas vezes um sentimento não correspondido.
Amor: sentimento sem definição.
Casa: o material se torna sentimental.
Nome: simples palavra com grande importância.
Amigo: um companheiro para vida, alguém que te apoia e te faz feliz nos momentos ruins.
Escola: onde os alunos aprendem.

Percebi, ao longo da aula desse dia, a presença de algumas palavras – *esperança, vida, amor, sofrimento, saudade, tristeza, angústia e insuficiência* – que não apareceram sem pretensão, alguns alunos se emocionaram quando escreveram; outros alunos, depois da escrita do colega, colocaram *emotions* que representavam tristeza ou choro. Respeitei esse momento sem interferência, porque percebi que eles não queriam falar, queriam apenas expressar-se cada qual à sua maneira, com a sua linguagem. Como ninguém havia comentado verbalmente nada sobre o que era escrito, julguei que o objetivo da atividade havia se cumprido, uma vez que a sensibilidade estava ali exposta não só nos verbetes construídos, como também nas manifestações de alguns colegas. Nem todos os alunos compartilharam seus verbetes, e o silêncio deles também foi respeitado.

Concomitante à escrita dos verbetes, na caixa de mensagens do aplicativo usado durante as aulas, iniciamos a leitura de quatro textos de Manoel de Barros presente na obra “*Memórias Inventadas: segunda infância*”, que já havia sido enviado para eles e pedido que escolhessem um desses textos e o ilustrasse ou que, de outra maneira, representassem os textos lidos para que, posteriormente, pudessem apresentá-los no Sarau Virtual de Poesia. Mostrei para eles a maneira como o livro *Memórias Inventadas: segunda infância* vinha organizado – dentro de uma caixa, com as folhas amareladas e soltas – e isso lhes chamou a atenção, porque nunca haviam visto um livro organizado dessa maneira.

Outros fizeram relação com o caderno que haviam recebido, que também estava com as folhas soltas. Observaram que não eram só os poemas de Manoel de Barros que quebravam paradigmas, mas a maneira como seus textos eram apresentados também reforçava isso.

Figura 14



Fonte: Arquivo Pessoal

A primeira leitura realizada nesse encontro foi a do poema “Obrar”, que chamou a atenção dos alunos por conter palavras que não são comuns de serem encontradas na poesia (“cago”, “roçar nas obras verdes”). Como não estávamos em sala presencialmente, escolhi compartilhar com os alunos não só os textos, mas cada texto em sua página original publicada no livro.

Obrar

Naquele outono, de tarde, ao pé da roseira de minha avó, eu obrei.

Minha avó não ralhou nem.

Obrar não era construir casa ou fazer obra de arte.

Esse verbo tinha um dom diferente.

Obrar seria o mesmo que cacarar.

Sei que o verbo cacarar se aplica mais a passarinhos

Os passarinhos cacaram nas folhas nos postes nas pedras do rio

nas casas.

Eú só obrei no pé da roseira da minha avó.

Mas ela não ralhou nem.

Ela disse que as roseiras estavam carecendo de esterco orgânico.

E que as obras trazem força e beleza às flores.

Por isso, para ajudar, andei a fazer obra nos canteiros da horta.

Eu só queria dar força às beterrabas e aos tomates.

A vó então quis aproveitar o feito para ensinar que o cago não é uma coisa desprezível.

Eu tinha vontade de rir porque a vó contrariava os ensinamentos do pai.

Minha avó, ela era transgressora.

No propósito ela me disse que até as mariposas gostavam de roçar nas obras verdes.

Entendi que obras verdes seriam aquelas feitas no dia.

Daí que também a vó me ensinou a não desprezar as coisas desprezíveis

E nem os seres desprezados.

Figura 15



Fonte: BARROS, Manoel de. Memórias Inventadas: a segunda infância. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

Depois da leitura, a aluna Laura destacou que os “seres desprezíveis” citados no poema, eram para ela, “*aqueles que para as pessoas não têm mais importância*”. Os alunos também pensaram no significado oposto das palavras “coisas” e “seres” que apareceram no texto e, também a Laura, disse *que às vezes desprezamos um ser e deixamos de desprezar uma coisa*. Os alunos observaram que, na nossa sociedade, os valores aparecem invertidos: as pessoas gostam e valorizam mais os objetos do que as pessoas.

Durante a discussão, citaram exemplos em que as pessoas são desrespeitadas em sua humanidade, deixadas de lado pela sociedade e pelo poder público. A conversa foi bem além da interpretação do texto poético: aproveitaram o cenário da pandemia para falar das desigualdades sociais e do descaso do poder público com os menos favorecidos. A aluna Geovana G. disse que “*às vezes, a*

gente acha um objeto mais importante do que uma pessoa. As pessoas, elas visam muito mais os objetos, as coisas, são muito mais gananciosas, mas elas não se importam de perder as pessoas que elas têm”.

Lemos em seguida o texto “Bocó” e, dessa vez, cada um quis ler um verso do poema.

Bocó

Quando o moço estava a catar caracóis e pedrinhas na beira do rio até duas horas da tarde, ali também Nhá Velina Cuê estava. A velha paraguaia de ver aquele moço a catar caracóis na beira do rio até duas horas da tarde, balançou a cabeça de um lado para o outro ao gesto de quem estivesse com pena do moço, e disse a palavra bocó. O moço ouviu a palavra bocó e foi para casa correndo a ver nos seus trinta e dois dicionários que coisa era ser bocó. Achou cerca de nove expressões que sugeriam símiles a tonto. E se riu de gostar. E separou para ele os nove símiles. Tais: Bocó é sempre alguém acrescentado de criança. Bocó é uma exceção de árvore. Bocó é um que gosta de conversar bobagens profundas com as águas. Bocó é aquele que fala sempre com sotaque das suas origens. É sempre alguém obscuro de mosca. É alguém que constrói sua casa com pouco cisco. É um que descobriu que as tardes fazem parte de haver beleza nos pássaros. Bocó é aquele que olhando para o chão enxerga um verme sendo-o. Bocó é uma espécie de sânie com alvoradas. Foi o que o moço colheu em seus trinta e dois dicionários. E ele se estimou

Figura 16



Fonte: BARROS, Manoel de. Memórias Inventadas: a segunda infância. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

Depois da leitura, os alunos observaram que a palavra Bocó não é vista no texto como um xingamento porque, no texto, Bocó significa “ser acrescentado de criança”, e muitos deles relataram que, sendo assim, não se importariam de serem chamados assim.

O terceiro texto que lemos juntos, “Sobre importâncias”, já era mais conhecido por alguns porque tinham escolhido algumas frases poéticas desse texto na atividade proposta no começo do projeto.

Sobre importâncias

Um fotógrafo-artista me disse uma vez: veja que o pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balança nem com barômetro etc. Que

a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. Assim um passarinho nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que a Cordilheira dos Andes. Que um osso é mais importante para o cachorro do que uma pedra de diamante. E um dente de macaco da era terciária é mais importante para os arqueólogos do que a Torre Eiffel. (Veja que só um dente de macaco!) Que uma boneca de trapos que abre e fecha os olhinhos azuis nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que o Empire State Building. Que o cu de uma formiga é mais importante para o poeta do que uma Usina Nuclear. Sem precisar medir o ânus da formiga. Que o canto das águas e das rãs nas pedras é mais importante para os músicos do que os ruídos dos motores da Fórmula 1. Há um desagero em mim de aceitar essas medidas. Porém não sei se isso é um defeito do olho ou da razão. Se é defeito da alma ou do corpo. Se fizerem algum exame mental em mim por tais julgamentos, vão encontrar que eu gosto mais de conversar sobre restos de comida com as moscas do que com homens doutos.

Figura 17



Fonte: BARROS, Manoel de. Memórias Inventadas: a segunda infância. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

A leitura do poema serviu para que os alunos destacassem os versos que tinham gostado e, quando perguntados por que escolheram aquele verso, ou o que entendiam dele, diziam não saber o motivo, apenas sentiram ou viram beleza e, em razão disso, escolheram-no. Esse texto foi o que eles mais gostaram, disseram tê-lo achado “bem bonitinho” e destacaram alguns elementos presentes no texto, “A boneca de trapos”, que trouxe à memória de algumas meninas o brinquedo de infância que pertencera à mãe e que ainda estava guardado. Sobre “o osso ser mais importante para o cachorro que uma pedra de diamantes”, os alunos destacaram que têm muitas coisas valiosas que não têm valor financeiro, mas que o valor sentimental, o que “a coisa” provoca na memória tem valor inestimável, porque se vale da importância que a pessoa lhe dá.

Por fim, nesse encontro, lemos o texto “Oficina”, e aqui os alunos se atentaram às expressões absurdas (“parafuso de veludo”, “besouro de olhar ajoelhado”, “lírio pensativo de Deus”, “a fivela de prender silêncios”) que não conseguiam explicar, mas que as imagens poéticas construídas criavam sentido.

Oficina

Tentei montar com aquele meu amigo que tem um olhar descomparado, uma Oficina de Desregular a Natureza. Mas faltou dinheiro na hora para a gente alugar um espaço. Ele propôs que montássemos por primeiro a Oficina em alguma gruta. Por toda parte existia gruta, ele disse. E por de logo achamos uma na beira da estrada. Ponho por caso que até foi sorte nossa. Pois que debaixo da gruta passava um rio. O que de melhor houvesse para uma Oficina de Desregular Natureza! Por de logo fizemos o primeiro trabalho. Era o Besouro de olhar ajoelhado. Botaríamos esse Besouro no canto mais nobre da gruta. Mas a gruta não tinha canto mais nobre. Logo apareceu um lírio pensativo de sol. De seguida o mesmo lírio pensativo de chão. Pensamos que sendo o lírio um bem da natureza prezado por Cristo resolvemos dar o nome ao trabalho de Lírio pensativo de Deus. Ficou sendo. Logo fizemos a Borboleta beata. E depois fizemos Uma idéia de roupa rasgada de bunda. E A fivela de prender silêncios. Depois elaboramos A canção para a lata defunta. E ainda a seguir: O parafuso de veludo, O prego que farfalha, O alicate cremoso. E por último aproveitamos para imitar Picasso com A moça com o olho no centro da testa. Picasso desregulava a natureza, tentamos imitá-lo. Modéstia à parte.

Figura 18



Fonte: BARROS, Manoel de. Memórias Inventadas: a segunda infância. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

Não analisamos o texto, julguei que o que valia ser observado nesse momento era a criatividade dos alunos de criarem sentido, por eles mesmos, para as expressões lidas. Os alunos ficaram livres para escolher as imagens poéticas que lhes causavam estranhamento e tentavam imaginar como aquele objeto seria.

No final, após discutirmos e lermos os textos, os alunos chegaram à conclusão de que a função de “desregular” pertence à poesia. Ainda sobre a linguagem empregada pelo poeta, a aluna Laura disse que “*era própria, diferente, particular e próxima do universo da criança que era despreocupada com as regras e preocupada com a poesia, com o que essas palavras causavam em nós*”. Aproveitei esse momento para dizer-lhes por qual razão puderam ilustrar os textos e frases escolhidas: pelo motivo de a poesia não provocar, inquietar o

que nem sempre conseguimos falar com palavras aquilo que lemos, e muitos disseram que realmente, em alguns momentos, se encantavam com algum verso, mas não conseguiam explicá-lo.

Depois desse momento, mostrei a eles imagens de obras de outros artistas que também tentaram representar algumas imagens poéticas de Manoel de Barros, chamadas de “Desobjetos”, palavra criada pelo próprio poeta e que os artistas emprestaram às suas obras:

Figura 19 - Desobjetos cx03- O fazedor de Amanhecer- ArtSoul



Fonte: Imagem retirada da internet - Desobjetos cx03
O fazedor de Amanhecer- ArtSoul

20 - Lupa para ler Poesia Instituto Moreira Sales – Oficina Desobjetos



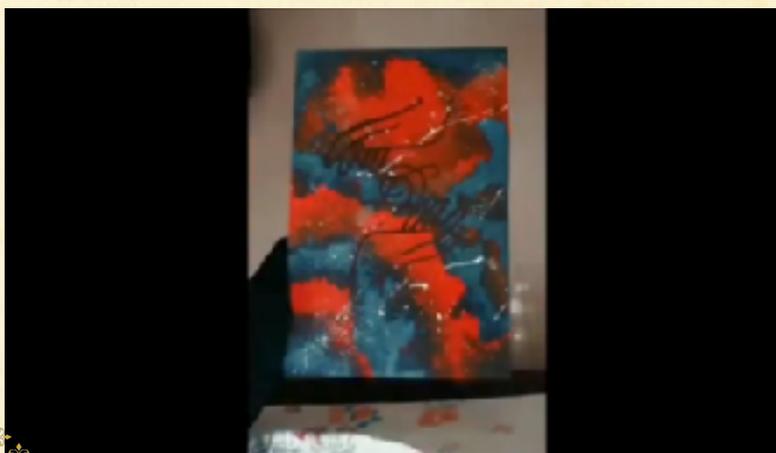
Fonte: Imagem retirada da internet - Lupa para ler Poesia Instituto Moreira Sales – Oficina Desobjetos

No final da aula, deixamos marcada a data para a apresentação do vídeo que seria a junção de todos os trabalhos e que formaria nosso Sarau e, por fim, disponibilizei o *link* para que pudessem preencher o questionário final que havia sido proposto para quando concluíssemos o projeto.

Na data marcada, os alunos disponibilizaram um link no canal do YouTube, criado pelo aluno Heitor, para que o Sarau pudesse ser visualizado por todos (https://youtu.be/cZ_jLoCdDhM). Todo o trabalho foi executado

por eles – a sequência da apresentação, o que iriam apresentar e a edição do vídeo. A não interferência da professora tinha uma intenção da pesquisadora: observar se a poesia havia, de fato, despertado a criatividade, criticidade e a sensibilidade nos alunos. Todos os alunos da turma, de alguma forma, participaram do Sarau, mas nem todos quiseram expor suas imagens ou voz, de modo que foram respeitados na sua decisão. Como havia mencionado no começo deste capítulo, alguns alunos desistiram de participar da minha pesquisa, mas todos participaram das atividades didáticas aplicadas em sala.

Figura 21 - Quadro pintado pela aluna Rafaela, inspirado no poema “Lunar”, Mário Quintana



Fonte: Arquivo Pessoal

3.2 Análise de dados

A fase de análises de dados é, para mim, o momento mais desafiador da pesquisa. Coletar, organizar e selecionar os dados mais e menos relevantes de uma pesquisa não se revela uma tarefa fácil quando se tem um material amplo. Desse modo, definiu-se que a análise dos dados seria feita por meio da observação dos dois questionários respondidos pelos alunos, um questionário inicial e outro final, para que pudéssemos nos valer dos resultados positivos e/ou negativos encontrados após a realização desse trabalho de pesquisa.

Após a seleção do material coletado, ficou definido que as respostas seriam apresentadas por meio de um gráfico e, ao final de cada questão, seria feito um diagnóstico geral das respostas dos alunos participantes da pesquisa. Faria também uma discussão final sobre os pontos positivos e/ou negativos revelados pela pesquisa.

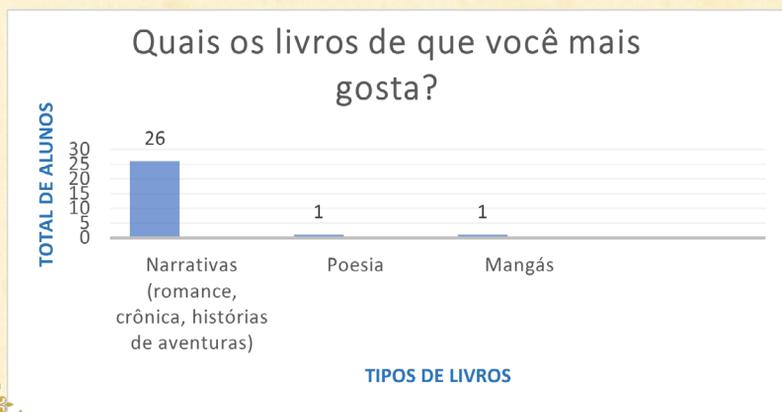
Relevante ressaltar a importância dessa pesquisa para professores e alunos, uma vez que, independentemente dos resultados, precisamos continuar reforçando e incentivando a formação do leitor, e aqui, mais especificamente, do leitor de poesia. Faz-se necessário evidenciar que o que foi mais importante, nesse processo, para a pesquisadora e os alunos, não foram os resultados atingidos, mas a capacidade de compreendermos e vivermos momentos em que a poesia nos permitiu fazer não só uma leitura literária, mas uma leitura de mundo.

O primeiro questionário analisado foi o questionário inicial, composto por seis perguntas, sendo que duas delas são objetivas, usado como um diagnóstico de cole-

ta de dados proposto pelo projeto de pesquisa desenvolvido. Vale ressaltar que, dos 44 alunos convidados para participar da pesquisa, apenas 28 responderam ao questionário inicial. Dessa forma, a análise feita aqui, como não compreenderá todos os participantes da pesquisa, levará em consideração apenas as respostas recolhidas neste questionário. Acredito que essa análise não ficará totalmente comprometida pelo fato de perceber que aqueles que entregaram o questionário respondido, realmente estavam interessados em expressar sua opinião.

A seguir, destaco as perguntas feitas aos participantes, o gráfico das suas respostas e o diagnóstico de cada item.

Gráfico 1 - “Quais os livros de que você mais gosta?”



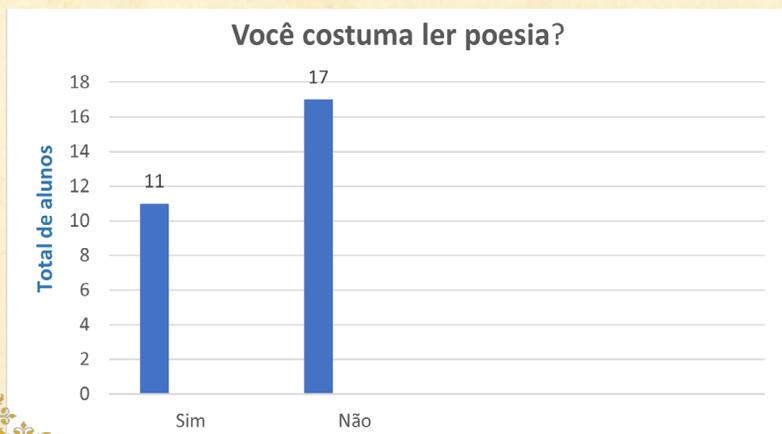
Fonte: Dados da Pesquisadora

Diagnóstico da pergunta 1: Os alunos mostram maior interesse em ler textos narrativos do que outros tipos de textos. Evidencia-se que, mesmo conhecendo os

textos poéticos, essa não é a preferência da maioria dos alunos. O que nos chama atenção nesta questão feita aos alunos é o fato de podermos constatar que, ainda que não estejamos muito convictos disso, os jovens estão lendo e buscam, apesar das muitas dificuldades, estar em contato com a leitura como nos afirma Marina Colasanti (2019): “Os jovens brasileiros estão lendo, sim. Apesar das dificuldades econômicas, da ausência ou fechamento ou parco acervo das bibliotecas, da falta de herança de uma tradição leitora, os jovens estão lendo. A Bienal está sempre cheia de jovens, as feiras de livros estão cheias de jovens, há sempre muitos jovens nos eventos literários de que participo.”

Constata-se que os jovens têm demonstrado interesse na leitura e a escola, quando sabedora disso, precisa buscar meios de conduzi-los para que esse interesse não se perca, para que descubram outras leituras e se encantem por ela.

Gráfico 2 - “Você costuma ler poesia?”

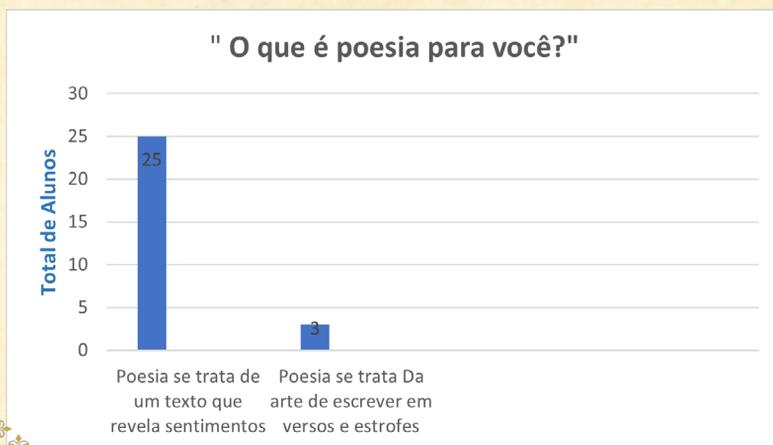


Fonte: Dados da Pesquisadora



Diagnóstico da pergunta 2: Ainda que a maioria dos alunos tenham dito não ser o tipo de leitura que a maioria gosta, percebemos que, entre 11 e 17, a diferença entre os que leem e os que não leem poesia não é tão expressiva como pareceu evidenciar na pergunta 1. Isso demonstra que, apesar de lerem/gostarem mais de narrativa, a poesia não é desconsiderada como gênero lido.

Gráfico 3 - “O que é a poesia para você?”



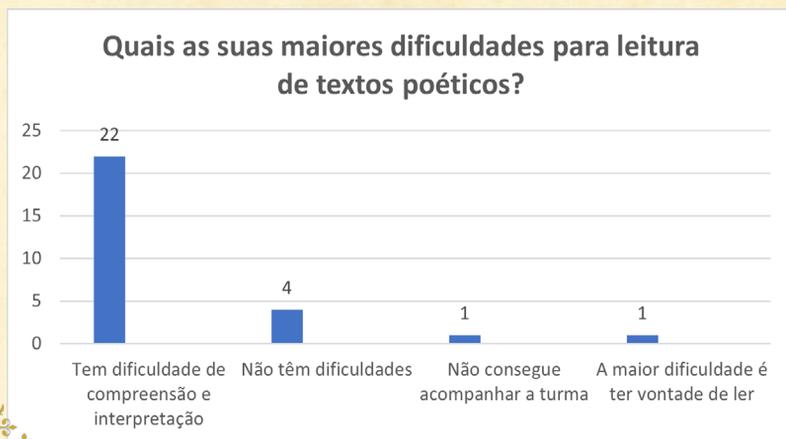
Fonte: Dados da Pesquisadora

Diagnóstico da pergunta 3: A grande maioria dos alunos relacionou a poesia ao sentimento, relatou que a poesia é o gênero em que se pode revelar os sentimentos. Somente uma pequena minoria referiu-se à poesia como arte da escrita.

Segundo Paz (1982), “a poesia é experiência, sentimento, emoção, intuição, pensamento não dirigido. Filha do acaso; fruto do cálculo. Poesia é Arte de falar em for-

ma superior; linguagem primitiva”. Desse modo, a afirmação da maioria dos alunos nos mostra que, de fato, eles sabem bem o que é poesia quando a consideram uma linguagem capaz de revelar os sentimentos. Acredito que o fato de a poesia nos permitir chegar até esse universo dos sentimentos é que ela se faz ainda mais necessária na sala de aula uma vez que lidamos com jovens que exalam sentimentos e, por isso, são poesia em todo o tempo.

Gráfico 4 - “Quais as suas maiores dificuldades para a leitura de textos poéticos?”



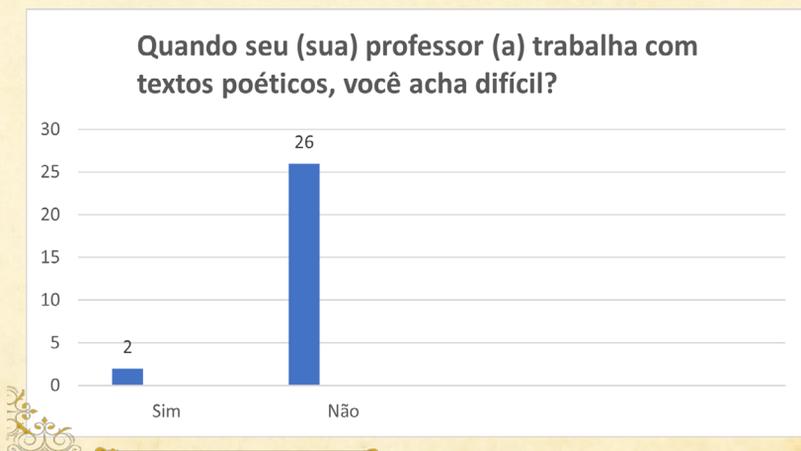
Fonte: Dados da Pesquisadora

Diagnóstico da pergunta 4: A grande maioria dos alunos relatou ter dificuldades de compreensão e interpretação de poemas. Somente 4 alunos relataram não ter dificuldade de nenhum tipo e 2 alunos revelaram outros problemas. Isso demonstra que o fato de o texto poético ter o sentido mais concentrado, mais condensa-



do, acaba por ser mais desafiador na busca de sentido. Tal resultado, porém, deixa clara também a importância de que a leitura de poesia seja bem mediada, de tal modo que não impeça o aluno de usufruí-la em todas as suas potencialidades. Reitero, portanto, a importância do professor como mediador capaz de estimular o aluno no interesse pela poesia, aplicando e colocando em prática ações/estratégias de leitura, demonstrando-se também apaixonado por poesia, pois “um professor que não é capaz de se emocionar com uma imagem, com uma descrição, com um ritmo de determinado poema, dificilmente revelará na prática que a poesia vale a pena [...]”. (PINHEIRO, 2007, p. 26)

Gráfico 5 - “Quando seu (sua) professor(a) trabalha com textos poéticos, você acha difícil?”

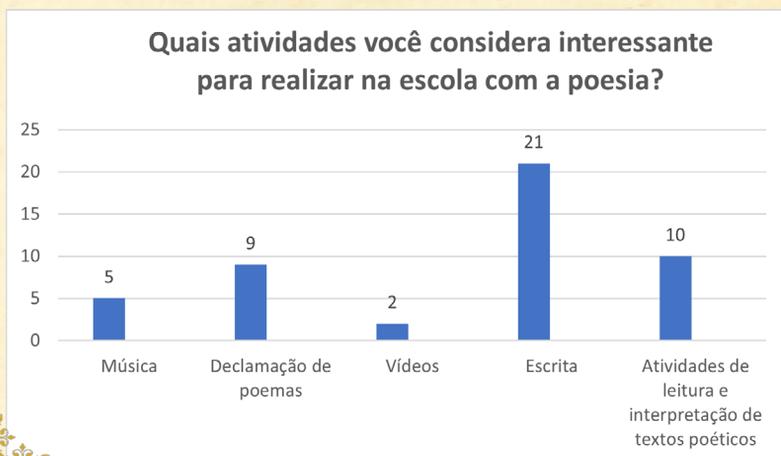


Fonte: Dados da Pesquisadora



Diagnóstico da questão 5: A maioria dos alunos responderam não achar difícil quando a poesia é trabalhada em sala. Apenas 2 alunos responderam que acham difícil. Isso comprova o que se afirmou na questão 4, sobre a importância da mediação do texto poético, bem como que não há, necessariamente, um desgosto pela poesia e sim um mito de que ela seja difícil.

Gráfico 6 - “Quais atividades você considera interessante para realizar na escola com a poesia?”

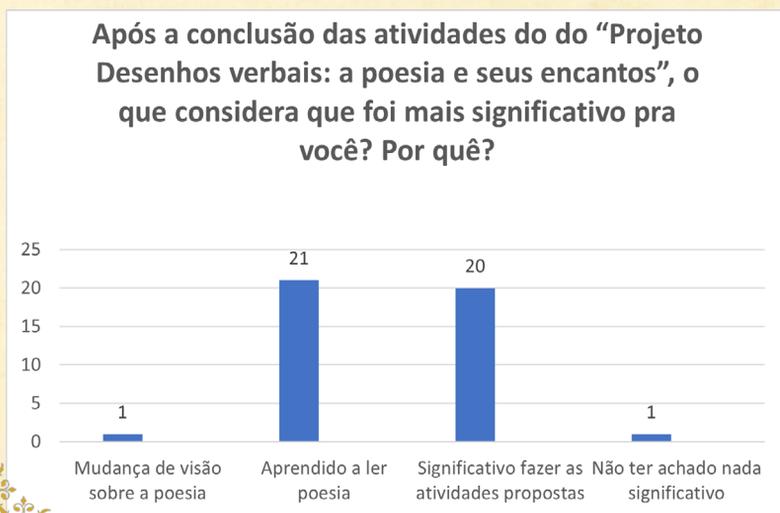


Fonte: Dados da Pesquisadora

Diagnóstico da questão 6: Os alunos, na sua maioria, ainda acreditam que a melhor maneira de se trabalhar a poesia em sala de aula é por meio da escrita, da produção de poemas, a leitura e interpretação de textos poéticos também aparecem como uma segunda forma de se trabalhar o texto poético em sala e outras atividades como declamação e música também foram citadas.

O segundo questionário analisado foi o questionário final composto por cinco questões descritivas. Esse segundo questionário também foi usado como um diagnóstico de coleta de dados proposto no projeto dessa pesquisa e que buscava averiguar qual havia sido o impacto do projeto nos alunos participantes. A seguir, apresento o gráfico com as respostas dos alunos e o diagnóstico de cada pergunta analisada. Para essa última parte da análise, julguei importante destacar algumas respostas dos alunos para que pudéssemos, na fala deles, analisar os frutos da pesquisa. Vale ressaltar que este último questionário foi respondido por 43 alunos, dos 44 participantes.

Gráfico 7 - Após a conclusão das atividades do “Projeto Desenhos verbais: a poesia e seus encantos”, o que considera que foi mais significativo para você? Por quê?



Fonte: Dados da Pesquisadora



Diagnóstico da pergunta 1: Ficou claro, após a análise desse item, que a grande maioria considerou a realização do projeto significativa de alguma forma para cada um.

Após a conclusão das atividades do "Projeto Desenhos verbais: a poesia e seus encantos", o que considera que foi mais significativo pra você? Por quê?

43 respostas

fazer as atividades foi muito significativo, as frases do Manoel de Barros tem um grande impacto para mim

O vídeo final que ficou muito lindo e me emocionou muito

Acho que nos mostrar esse mundo de poesia , nos mostrar a beleza dessa tipo de arte.

Foi muito significativo aprender sobre Manoel de Barros e suas poesias e ter a oportunidade de conhecê-las pessoalmente

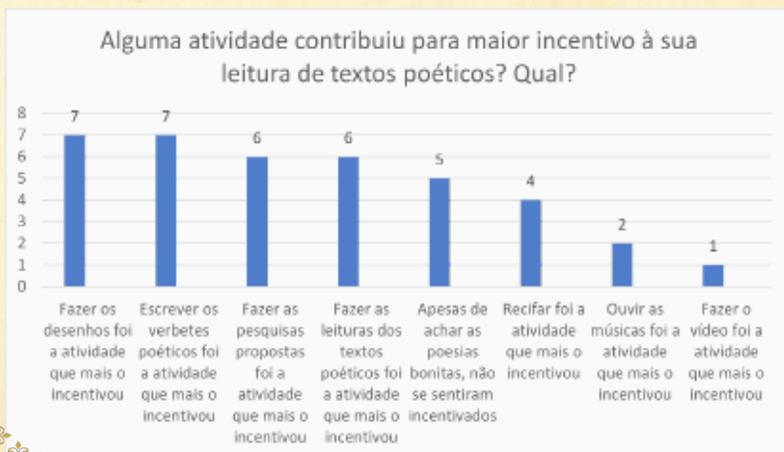
O que mais significou, acho que não foi muita coisa porque eu não sou fã de poesias, mas eu gostei de fazer o verbete poético

O que foi mais significativo pra mim foi a experiência de me envolver em vários sentimentos diferentes despertados pela poesia além de ter aprendido que tudo é poesia até mesmo um pente, ele pode ser tornar um desobjeto formador de poesias.



Fonte: Dados da Pesquisadora

Gráfico 8 - Alguma atividade contribuiu para maior incentivo à sua leitura de textos poéticos? Qual?

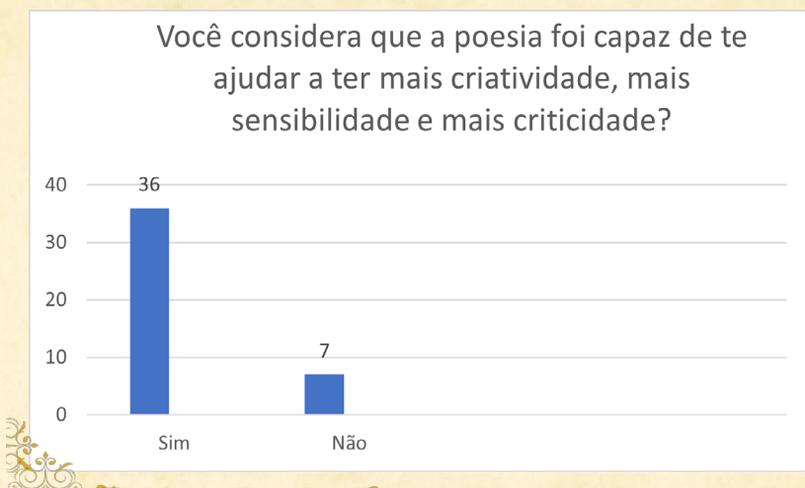


Fonte: Dados da Pesquisadora



Diagnóstico da pergunta 2: Os alunos, na sua maioria, se sentiram incentivados de alguma maneira a ler os textos poéticos. E isso revela que, mesmo que a turma não se sentisse, a princípio, incentivada a ler poesia, ainda assim pôde encontrar algum significado nela.

Gráfico 9 - Você considera que a poesia foi capaz de te ajudar a ter mais criatividade, mais sensibilidade e mais criticidade?



Fonte: Dados da Pesquisadora

Diagnóstico da pergunta 3: Entendo ser esse resultado um dos mais importantes para a pesquisa, uma vez que a hipótese levantada no começo da pesquisa de que a poesia é capaz de despertar a criatividade, a criticidade e a sensibilidade ficam comprovadas pelos alunos que, na sua maioria, responderam sim. É bem verdade que apenas a resposta positiva não comprova em sua integralidade a hipótese, mas demonstra o

que já se constatou nas produções dos alunos em que pudemos perceber uma certa “comunhão”, nas palavras de Azevedo (2004), entre o texto e o leitor, “baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço e este se justifica e se legitima justamente através da comunhão estabelecida” (AZEVEDO, 2004, p. 2). Essa comunhão permitiu que os jovens percebessem que as dificuldades encontradas na leitura do texto poético não poderiam ser vistas como um empecilho para a criatividade, a sensibilidade e a criticidade.

Você considera que a poesia foi capaz de te ajudar a ter mais criatividade, mais sensibilidade e mais criticidade? Justifique:

43 respostas

Sim, pois foi por meio da poesia que comecei a fazer colagens.

Com certeza. A poesia é outra forma de ver o mundo, uma forma mais sensível e criativa, e escrever uma e colocar todos os sentimentos, frustrações e alegrias nela é muito bom, é se sentir mais leve.

Sim, eu considero que a poesia foi capaz de me ajudar a ter mais criatividade, mais sensibilidade e mais criticidade. Pois, foi uma experiência totalmente nova e que me ajudou a ver as coisas de um jeito diferente.

Sim

Sim, porque ela me ajudou bastante na questão de me expressar mais meus sentimentos, me fez pensar melhor nas situações que acontecem comigo ou poderão acontecer.

Sim, pois eu comecei a ter mais ideias e também passei a ter uma visão diferente de algumas coisas.

Para ser poeta tem que ser criativo e corajoso, expor seus pensamentos e organizá-los

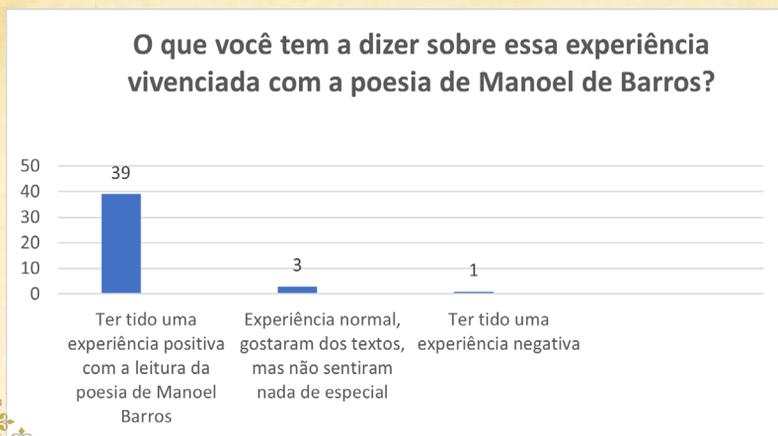
acho que não, não senti nenhuma diferença nesses quesitos



Fonte: Dados da Pesquisadora



Gráfico 10 - O que você tem a dizer sobre essa experiência vivenciada com a poesia de Manoel de Barros?



Fonte: Dados da Pesquisadora

Diagnóstico da pergunta 4: De uma maneira geral, a maioria dos alunos participantes relatou ter tido uma experiência positiva com a poesia de Manoel de Barros. O que pode nos comprovar que a linguagem simples, mas repleta de imagens e de construções aparentemente ilógicas, não foi empecilho para que os alunos desfrutassem dos poemas do poeta mato-grossense.

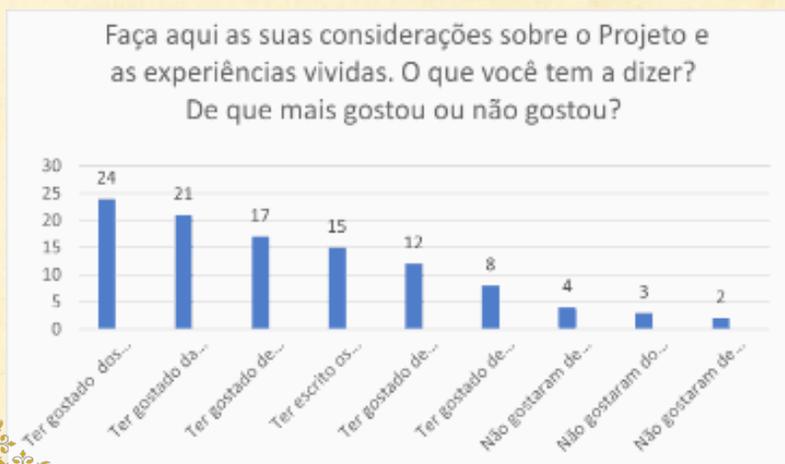
O que você tem a dizer sobre essa experiência vivenciada com a poesia de Manoel de Barros?

43 respostas

- Eu tento a dizer que foi uma experiência ótima pois me ajudou a ter uma visão de mundo melhor
- Foi uma ótima experiência, porque pude conhecer o poeta e suas poesias, que me ajudaram a ter mais criatividade na hora de produzir.
- eu acho que as poesias dele são boas e muito inspiradoras e criativas
- Eu achei ótima essa experiência principalmente pelo fato de ela nos incentivar a ler poesias
- A experiência que vivenciei com a poesia de Manoel de Barros foi muito boa e muito profunda, pois me ajudou a ter mais interesse com os textos poéticos.
- Acho que foi um aprendizado, pois não conhecia muito sobre poesia, e poder ver essa e trabalhar em cima desse assunto foi algo extremamente gratificante
- Não conhecia seu trabalho e nem quem era esse poeta, então achei bem interessante o objetivo desse Projeto, conhecendo um artista brasileiro e algumas de suas obras e o legado que deixou.

Fonte: Dados da Pesquisadora

Gráfico 11 - Faça aqui as suas considerações sobre o Projeto e as experiências vividas. O que você tem a dizer? De que mais gostou ou não gostou?



Fonte: Dados da Pesquisadora

Diagnóstico da pergunta 5: A última questão respondida pelos alunos deixa claro para nós que há sempre um jeito de alcançar os jovens leitores para que sejam despertados para a leitura e o gosto pela poesia. Essa maneira só precisa ser descoberta e desenvolvida pelo professor. Vale ressaltar aqui que, como professora, compreendo que os alunos que, de alguma forma, ainda não se sentiram motivados a ler poesia, não deve ser motivo de desistência. Acredito que muito ainda pode e deve ser feito mesmo que alguns não se sintam completamente envolvidos ou seduzidos pela poesia.

Faça aqui as suas considerações sobre o Projeto e as experiências vividas. O que você tem a dizer?
De que mais gostou ou não gostou?

43 respostas

Eu gostei bastante desse projeto, principalmente do caderninho porque ele nos permitiu expressar o que sentimos sobre vários fatores e acontecimentos do mundo que nós fazemos rir ou chorar, também achei legal que unimos nele coisas que nos representam nele

eu mais gostei de ver como nos trabalhamos, a forma que nós fizemos e ficou muito bom.

Eu gostei de tudo, o vídeo ficou muito bom, todos contribuíram e foi muito bom. Não teve nenhuma parte que eu não gostei.

eu tenho a dizer que foi uma ótima experiência, eu mais gostei da leitura em sala dos poemas em sala de aula

Eu gostei da hora de produzir os verbetes poéticos e também de ilustrar uma frase de Manoel de Barros, mesmo tendo sido um pouco difícil ilustrar a frase de Manoel de Barros

Eu gostei muito de rever essas poesias e o manual de Barros

Para mim o melhor foi o trabalho em equipe para ajudar no trabalho e fazer o vídeo, pois no trabalho em equipe eu pude interagir melhor com meus colegas e o vídeo pois eu gosto de editar.

O que eu mais gostei do projeto foi a leitura dos textos poéticos e o desenho do caderninho, pois foi algo diferente mas bem importante para alguém que como eu não gostava de poesia.

Gostei bastante dos trabalhos em que fizemos a leitura e depois realizamos um desenho ou algo representativo, porque assim agente podia expor nossa leitura sobre as poesias e perceber também que essas fazem nós sentirmos e encontrarmos novos sentimentos.

Eu acharia mais interessante se pudesse fazer mais reflexões em grupo estudar os poetas, mas gostei bastante da ideia do caderninho, mesmo não tendo tanta criatividade, gostei de desenhar e escrever o que achei sobre as obras desse poeta.



Fonte: Dados da Pesquisadora



Em síntese, pode-se afirmar que essa pesquisa possibilitou aos alunos participantes a troca de experiência sobre a leitura do texto poético; a ampliação do repertório linguístico; um maior conhecimento sobre o poeta Manoel de Barros e sua poesia e o desenvolvimento da criatividade e da sensibilidade durante a leitura e análise dos textos poéticos. Mais importante ainda é ressaltar que as trocas de experiências vivenciadas em grupo permitiram a todos nós momentos riquíssimos de encontro não só com a poesia, mas também com o ser poético presente em cada um de nós. A desmistificação da crença de que ler poesia é algo difícil, quase inatingível, possibilitou aos alunos a descoberta de que há poesia em tudo o que vemos e vivemos, basta-nos apenas mudar a nossa maneira de olhar para o mundo, olhar com olhos de poeta, com olhos de criança.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças.

Manoel de Barros

Durante a realização dessa pesquisa ficou clara a importância da inserção do texto poético em todos os níveis de escolarização como também sobre o seu papel fundamental para a formação do sujeito como leitor literário e também para a sua formação como sujeito social, capaz de se tornar mais crítico, mais criativo e mais sensível ao mundo que o cerca.

Assim, no momento em que a criança ou o adolescente lê um poema, ele o leva para dentro de si e o decompõe com base na sua sensibilidade e na sua concepção de mundo exterior construído até aquele momento em que pôde ter contato com o texto poético. Nesse aspecto, a leitura de poesia compõe um aprendizado privilegiado de capacidades mentais e de familiaridade com as estruturas e possibilidades da língua escrita, além de permitir ao jovem leitor a percepção de si mesmo como ser autônomo da sua própria construção e formação.

A poesia de Manoel de Barros, como foi apresentada no contexto, permite o resgate da palavra e do leitor, a

visita ao passado e a percepção do jovem leitor, regatando memórias e imagens significativas para cada realidade. Além disso, a sua poesia aproxima o leitor da literatura, porque ela estimula o leitor a buscar outras leituras e formas de se expressar (como alguns alunos revelaram ao longo do processo). A poesia tem a capacidade e o condão de despertar o interesse de identificar uma palavra em seus vários significados que vão além daqueles conhecidos. A poesia, e não só a de Manoel de Barros, pode nos levar à imaginação, a criação de um mundo diferente do imposto pela sociedade, pode nos acalantar o coração nos momentos em que já não sabemos mais o que fazer, assim como pode ser revolucionária e emancipatória quando necessário (e é sempre necessário). Ela pode, sem dúvida, ser a “operação capaz de transformar o mundo”, como propõe Octavio Paz (1982).

Sabe-se que inúmeros são os desafios para a inserção e o desenvolvimento da poesia na escola e na sala de aula, como já exposto durante o desenvolvimento deste trabalho, mas não podemos desistir, não podemos permitir que essa força criadora, motivadora e libertadora que é a poesia fique distante dos alunos. As tecnologias podem ser utilizadas como meio que promova a leitura de textos literários se aproximando dos jovens de maneira mais atrativa, por estar mais próximo do que faz parte do uso cotidiano deles, modificando e minimizando esse cenário de distanciamento entre o jovem e a leitura literária. É perceptível, e faz-se necessário que o professor busque estratégias para trabalhar a leitura literária com seus alunos de forma que descubram a importância da

literatura na sua formação como seres humanos dotados de tantas capacidades, respeitando os interesses de cada um. É ainda importante ressaltar que o professor é o profissional mediador responsável por superar as dificuldades encontradas no dia a dia e burlá-las por meio de didáticas atrativas para que seus alunos se descubram como leitores literários.

Desse modo, como pudemos observar no decorrer dessa pesquisa, o texto literário – poético ou não – imprime intensas marcas no leitor, seja ele uma criança ou adolescente, como visto nas experiências descritas pelos alunos durante a leitura dos poemas de Manoel de Barros, mas, para que essas marcas aconteçam e sejam positivas, o professor deve estar sensível à necessidade dos alunos e ao conhecimento de mundo de cada um, deixando que se sintam também conhecedores dos mundos que rodeiam a poesia, permitindo que cada jovem se veja como poeta do seu próprio mundo.

Diante dessas reflexões, vale reafirmar que a poesia é um dos recursos mais encantadores do processo de formação do ser humano – escolarizado ou não – que visa o crescimento crítico, literário e inventivo das partes envolvidas, portanto, é imprescindível que as relações entre professores e educandos sejam preenchidas de afeto, de compreensão do outro e das dores e alegrias que povoam cada universo, na certeza de que construir um novo modo de relacionar-se é uma arte possível e acessível a todos, e que o fazer poético está inserido dentro de cada um de nós. Somos poesia e dela não podemos fugir.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. Lírica e sociedade. In: HORKEIMER, M e HABERMAS, J. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril cultural, 1983.

ANDRUETTO, Maria Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Editora Pulo do Galo, 2012.

_____. **A leitura, outra revolução**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

AVERBUCK, Ligia Morrone. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, Regina (orgs).

Leitura em crise na escola: as alternativas do professor. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

AZEVEDO, Ricardo. Formação dos leitores e razões para a literatura. São Paulo, 2004. Disponível em: <www.ricardoazevedo.com.br>. Acesso: 27 fev. 2022.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: _____. **Os pensadores**. Trad. Joaquim J. M. Ramos et. al. SP: Abril Cultural, 1984.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

_____. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.

_____. **Livro sobre nada**. 11^a ed. Rio de Janeiro: Record. 2004.

_____. **Entrevista concedida a Mara Conceição Vieira de Oliveira**, em 2005, durante o curso de doutoramento em Letras pela Universidade Federal Fluminense, 2005.

_____. **Memórias inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Planeta, 2006.

_____. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

_____. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya. 2013.

BLOOM, H. **Como e por que ler?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BORDINI, Maria da Glória. Pensando a poesia infantil de agora. In: MITTIDIERI, André Luís; SILVA, Denise

Almeida (Org). **Machado de Assis**: outros olhares. Frederico Westphalen, RS: URI, 2009.

BRASIL. **Linguagens, códigos e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1).

CANDIDO. A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COLASANTI, Marina. Sim, os jovens leem. Marina Mandá Lembranças. 17 de outubro de 2019. Disponível em: www.marinacolasanti.com/2019/10/sim-os-jovens-lem.html. Acesso: 07 mai 2022.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul/São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COLOMER, Tereza. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. MARCHI, Diana Maria. **A formação do leitor jovem**: temas e gêneros da literatura. Erechim: Edelbra, 2009.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**: da metade do século XIX a meados do século XX. Tradução

do texto por Marise M. Curioni; tradução das poesias por Dora F. da Silva. São Paulo; Duas Cidades, 1978.

GRANGEIRO, Alessandra Carlos Costa. A construção da imagem na poesia de Manoel de Barros. In: **REVELLI Revista de Educação**, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas, v. 1, nº 1, março de 2009.

JOBIM & SOUZA, Solange. **Infância e Linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

JR MULLER, Adalberto. Manoel de Barros: o avesso visível. In: **Revista USP**, São Paulo, nº 59, 2003.

LERNER, Delia. **Ler e Escrever na Escola**: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre, Artmed, 2002.

MENDES, Ana Claudia Duarte. Memória e Infância em memória inventadas de Manoel de Barros. In: **Revista de Literatura História e Memória**: Literatura e Cultura na América Latina, v. 4, nº 5, 2009.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia não é difícil**. Introdução à análise do texto poético. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1996.

NUNES, Ginete C. Poesia e letramento literário no Ensino Fundamental. Id on Line. In: **Revista de Psicologia**, v. 10, nº 29, 2016.



OLIVEIRA, Mara Conceição Vieira. **Manoel de Barros: infância, imagem e conhecimento.** XI Congresso Internacional da ABRALIC: *Tessituras, Interações, Convergências* 13 a 17 de julho de 2008, USP – São Paulo, Brasil.

OLIVEIRA, Kamilla Reginna Silva. **Poesia e Imagem - o desenho verbal:** uma análise da obra de Manoel de Barros. 27f.2016. Monografia (Curso de Letras- Português) - Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Brasília, 2016.

PAZ, Octavio. **O arco e lira.** Tradução de Olga Savany. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. **Signo em Rotação.** São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1996.

PAES, José Paulo. **Poemas para brincar.** São Paulo: Editora Ática 2004.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula.** 2^a ed., João Pessoa: Ideia, 2002.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto. **Ideias**, São Paulo, nº 13, p. 37-42, 1992.

RODRIGUES, Exmaxsuel Roger. Poesia e imagem em Manoel Barros. In: **Revista Entrelaces**, v. 1, nº 8, 2016.

SILVA, Célia Sebastiana. Manoel de Barros: lírica, invenção e consciência criadora. In: **Fronteiraz**, São Paulo, v. 01, p. 212-220, 2010.

SILVA, Alinny Rodrigues Pereira. **Olhos de descobrir: nosso primeiro aprendizado poético de Manoel de Barros**, 2019. 198f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguísticas) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2019.

SILVA, Marcia Cristina. José Paulo Paes: entre o crítico literário e o poeta para as crianças. **Revista Fronteira Z**, São Paulo, nº 8, julho de 2012. Disponível em: <Artigo18-MarciaCristinaSilva-versaofinal.pdf (pucsp.br)>. Acesso: 10 fev. 2022.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira, 2ª ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TRES, Thanisa Aparecida de Souza Camargo de Dordi; IGUMA, Andreia de Oliveira A. A importância da poesia na formação do leitor. In: **INTERLETRAS**, v. 3, n. 20, 2015.

ZILBERMAN, Regina. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 5ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.



FERNANDA GOMES PACHECO ISAIAS

Nasci no ano de 1984, no estado de Goiás. Sou graduada em Letras pela Universidade Federal de Goiás, Pós- graduada em Linguagem, Cultura e Ensino pela Universidade Estadual de Goiás e Mestra em Ensino na Educação Básica -PPGEEB/ UFG. Sou professora há mais de vinte anos e meu amor pela poesia fez-me desejar cultivá-la no coração dos meus alunos. Este trabalho é fruto de uma das muitas vivências experimentadas em sala de aula e entregue aos meus leitores.



CÉLIA SEBASTIANA SILVA

Possui doutorado em Literatura pela UNB, onde defendeu a tese “Consciência crítica na prosa de ficção de Carlos Drummond de Andrade”; mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás; especialização em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, graduação em Letras pela UEG-Goiás e em Direito pela UFG. É professora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da UFG onde atua da educação básica à pós-graduação, desde 2009. Suas linhas de pesquisa estão voltadas para a poesia brasileira moderna e contemporânea, teoria e crítica da poesia lírica e para a área de ensino de literatura e de formação do leitor literário na educação básica, especialmente o leitor de poesia. Atua no PPGEEB-CEPAE-UFG e coordena projetos de pesquisa e extensão na área de leitura literária e formação de leitores na educação básica como PIPOESIA e TRAPPO – VOZ E POESIA.

NATORREZINTIA PARTICUL
TÃO PEQUENA QUE COUB
PONTA DO MEU LÁPIS.
OSSE ELA, QUEM ME DER
TAM
SE NAO FOSSE FLOIR DI
FUNDO CO OSSE UM RI
NA VERDADE NA VERDAD
QUE ELA FOSSE UM RI

ISBN 978-65-5447-132-9



9 786554 471329